

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**O FUTEBOL:
ENTRE O JOGO E O ESPORTE NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

ROGÉRIO FERREIRA PINTO

PIRACICABA-SP

2003

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**O FUTEBOL:
ENTRE O JOGO E O ESPORTE NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

PROF. ROGÉRIO FERREIRA PINTO

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora do Curso de Pós-Graduação
em Educação Física da UNIMEP como
exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Educação Física.**

ORIENTADOR: PROF. DR. WAGNER WEY MOREIRA

**PIRACICABA-SP
2003**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

Prof. Dr. Marcelo Belém Lopes

Prof^a. Dra. Roberta Gaio

DEDICO ESTE ESTUDO

A minha **família**, inspiração para nossa luta nesta vida.

Tudo por **eles**.

Toda a nossa história **passada, presente e futuro**.

Vocês são a força para nossas vitórias.

Um **beijo** para vocês!!!

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Wagner Wey Moreira por ter orientado minha proposta de estudo.

Ao Prof. Dr. Marcelo Belém, que confiou em minha primeira proposta de trabalho modificada durante o curso mas mesmo assim contribuiu com relevantes sugestões no exame de qualificação.

À Prof^a. Dra. Roberta Gaio, pela sua contribuição no exame de qualificação.

Aos meus amigos, Manoel, Neuzinha, Washington, Cleusa, Ataliba, Ana Elisa e a Simone, pelas nossas viagens todas as semanas para Piracicaba. Sei que vou sentir saudades.

RESUMO

Falar da paixão do povo Brasileiro pelo futebol é quase um fato sem relevância, pois o mesmo está enraizado na cultura do país. O futebol, que encanta o povo, é, muitas vezes, alimento para a criança da periferia, que sem ter onde se apegar em vistas ao futuro, faz com que seus sonhos se plantem em um campo de futebol. Mas o futebol pode e deve ser mais do que isso. A utilização da popularidade do futebol para motivar crianças e adolescentes a pratica de atividades motoras com objetivos pedagógicos, embasa este trabalho, no qual o conteúdo do futebol nas escolas públicas municipais de Araçatuba/SP é analisado. Foram questionados vinte professores de Educação Física, de 5.ª a 8.ª séries. Os resultados, frutos da análise feita, mostraram que os professores de Educação Física das escolas municipais apresentam nas suas aulas de futebol conteúdo voltado para o esporte de rendimento, ao contrário do que deveria ser proposto no contexto escolar. Na verdade, os professores não entendem a diferença entre jogo e esporte, formatando assim o conteúdo de suas aulas de forma a priorizar o aprendizado do futebol desenvolvido como esporte, de maneira mecânica e limitada, não satisfazendo os alunos e deixando de enriquecer seu repertório pedagógico. A Educação Física Escolar, atualmente apresentada aos alunos, tem um conteúdo subordinado ao esporte de rendimento, valorizando os aspectos biológicos e técnicos, contribuindo apenas em parte com a formação global do indivíduo. Neste caso, o futebol é estruturado como um fim nele mesmo e não como um meio instrumentalizado, voltado para a educação do indivíduo.

Palavras chave: futebol, educação física escolar, esporte, jogo.

ABSTRACT

Talking about the Brazilian people passion for soccer game is almost an irrelevant fact, thus this sport has been so rooted in our country that it has its own place in the popular culture of our nation. This soccer which amazes the people is, for many Times, considered as food for the outskirts children who have their dreams planted In the soil of a soccer field. But soccer can and must be seen as more than this. Taking advantage of the Popularity of soccer among children and teenagers to motivate them to practicing Motor activities with pedagogical goals is the basis of this paper, on which the role of soccer is analyzed specifically in Pubic Municipal School in the city of Araçatuba/SP. Twenty Physical Education teachers, from fifth to eight grades. The results from this analysis showed that those Physical Education teachers prepare their soccer lessons aiming sport acquisition on the contrary of whatshoud Be done in the school context. Actually, these same teachers aren't able to Understand the very difference between game and sport. Therefore their lessons are prepared emphasizing the learning of the sport in a mechanical and limited way. This does not satisfy the learners and fails to enrich the pedagogical repertory. The Physical Education lessons presented to our students at school have their Contents subordinated to sport acquisitions, valorizing biological and technical Aspects, which contribute only in part for the global formation of each individual. In This case the sport is structured as an end by it self and not as an applied means for the education.

Key Words: soccer, education physical school, sport, game.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: COMEÇA O JOGO.....	10
1 PRIMEIRO TEMPO: O FUTEBOL E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	14
1.1 O esporte na escola.....	15
1.2 Futebol: paixão nacional.....	23
2 SEGUNDO TEMPO: O É JOGO?.....	28
2.1 Teoria do jogo.....	28
2.2 Conceituação do jogo.....	34
2.3 Principais características do jogo.....	38
2.4 Classificação dos jogos.....	42
3 PRORROGAÇÃO: O JOGO E EDUCAÇÃO.....	46
3.1 O jogo e a educação através dos tempos.....	46
3.2 O jogo e sua importância no mundo infantil.....	62
4 MORTE SÚBITA: UNIVERSO DA PESQUISA.....	68
4.1 Universo da pesquisa.....	69
4.2 População, amostra.....	70
4.3 Protocolo.....	70
4.4 Resultados.....	72
5 DECISÃO NOS PENALTIS: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	88
5.1 Questionário aplicado.....	88

6 ENCERRA-SE O ESPETÁCULO: CONSIDERAÇÕES FINAIS..	121
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	124

INTRODUÇÃO: COMEÇA O JOGO

Nasci no Rio de Janeiro, no dia oito de Julho de 1963 e desde meus primeiros anos de vida morei na periferia do estado, tendo uma infância de muito movimento e amor pelo futebol. Aliás, foi através dos jogos de rua que amadureci, formando-me para a sociedade. Infância pobre corria o dia todo, tanto jogando bola como subindo em árvores, brincando de pique ,esconde-esconde e queima.

Ainda assim, o sonho maior estava nos campos de futebol, aprimorado na hora do recreio na escola e na rua de paralelepípedo em frente de minha antiga casa. Bola dente de leite e kichute eram as armas para os rachas, que duravam horas. A felicidade por estes momentos envolvidos nos jogos estava estampada nos olhares de todos os participantes.

Comecei no futebol de salão do time do bairro, onde não treinava, apenas jogava aos sábados. Posteriormente, com dificuldades, tendo em vista que eu trabalhava para ajudar na renda da família, fugia de todas obrigações e ia jogar bola. Assim cheguei às categorias de base do Clube de Regatas Vasco da Gama. Aquele menino franzino, que media todos os dias sua altura na porta do quarto, apesar de pequeno, tinha em sua raça o ponto forte. Caminhei por todas as categorias de base deste clube, até chegar ao profissional passando posteriormente, por diversos clubes do Brasil. Finalizei minha carreira de atleta profissional aos 29 anos após uma série de contusões e redirecionei meus objetivos profissionais.

Atualmente, licenciado em Educação Física e Pedagogia sou também docente nas disciplinas de futebol, futebol de salão e história da Educação Física nas Faculdades Toledo de Ensino de Araçatuba/SP.

É perceptível que minha formação para o futebol foi nos campos de várzea, nas ruas, sem qualquer orientação pedagógica. Tudo era feito em conjunto com amigos. Eram jogos com regras próprias, regra da rua, da periferia. No meu caso, o esporte de alto rendimento chegou naturalmente, sem exigências do pai, da mãe, do técnico ou do irmão. Não existia pressão para fazer melhor e nenhum

trabalho sistematizado para aprimoramento técnico. Nossos jogos eram incorporados a diversos outros jogos. Lembro-me que junto com amigos, observamos as olimpíadas pela televisão, combinamos de treinar, fazer de conta que éramos atletas. Fazíamos corridas em volta do quarteirão e depois salto em distância na areia acumulada na calçada do vizinho. Uma madeira velha com um bambu escorado na parede e na madeira servia para salto em altura e depois, é lógico, tinha o nosso futebol de cada dia. Jogávamos amarelinha, bola de gude, soltava pipa e rodava pião.

Já tive na infância mais de 2.000 bolinhas de gude. Isso era status entre os meninos da rua. Desfilarmos com duas latas cheias de bolinhas de gude era considerada prova de grande competência. Tudo isso acontecia com alegria e satisfação. Nestes jogos fiz amigos para a vida toda, formei o corpo com uma ótima coordenação de movimentos e estimulei minha cognição, tudo sem maiores objetivos e com muito prazer.

Acredito que esta experiência adquirida na rua, somada a um conteúdo bem elaborado pelo profissional da Educação Física, seria a forma adequada para apresentação das aulas no contexto escolar.

Atualmente, com o desenvolvimento tecnológico, as crianças têm várias outras atividades recreativas e de lazer. A televisão traz ótimos programas educativos, bem como uma variedade de desenhos. Os vídeos – games e os computadores agora fazem parte da vida delas, ao contrário de antigamente, quando o jogo se encontrava nas ruas.

Crianças, hoje, ficam na frente da televisão ou no computador comendo lanche do McDonald's e tomando Coca-Cola. Preocupa-me esta falta de movimento das crianças, pois o conforto presente nos jogos modernos pode levá-las a ser alvos de doenças degenerativas, cardiovasculares e outros males no futuro. A sociedade, em sua grande maioria, ainda não atentou para esse inconveniente da modernidade.

Entre as atividades restantes para nossas crianças, temos na Educação Física Escolar um grande aliado na luta contra a falta de movimento delas, pois os perigos causados pela criminalidade nas ruas dos grandes centros, combinados com a falta de espaços e, ainda, a influência dos jogos modernos citados anteriormente, traz para a escola maior responsabilidade na formação global do indivíduo.

Porém existe uma grande dificuldade em resgatar a Educação Física Escolar, pois a mesma foi banida desde 1996 do primeiro ciclo do ensino fundamental, (primeira a quarta série) e reduzida nas 5ª à 8ª séries, devido à falta de um conteúdo mais pedagógico e uma ação mais consistente do professor da área.

O profissional de Educação Física deve estar consciente de que sua postura frente às aulas de Educação Física é decisiva para que este espaço seja reconquistado, com um conteúdo no qual os jogos e brincadeiras sejam ministrados em aulas lúdicas, voltadas para o desenvolvimento global do indivíduo, pois o profissional deve ter capacidade para aliar atividades prazerosas para a criança com uma pedagogia de desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Dentro do conteúdo das aulas pode-se inserir também o futebol, pois sua prática está culturalmente enraizada em nossa sociedade. Nossas crianças e adolescentes vivem dentro de uma cultura influenciada pela mídia em que o futebol é o principal produto de marketing. Portanto, a utilização do futebol como elemento de motivação para a prática de atividades físicas deve ser um fator a ser considerado pelo profissional no contexto da Educação Física Escolar.

Porém, todo o status do futebol faz com que o profissional da Educação Física deva ter cuidado redobrado na elaboração do seu conteúdo, devido à visão profissional em que a mídia coloca o futebol, deixando com que o esporte de alto nível transpareça em detrimento de uma prática mais humanizada.

Uma atividade física, auxiliadora no processo de desenvolvimento do indivíduo, apresenta uma concepção em que o futebol é apresentado como jogo, excluindo assim entre outros a alta performance, a competição exacerbada, buscando uma pedagogia lúdica voltada para o desenvolvimento global do indivíduo.

O jogo é uma das atividades mais antigas da cultura humana. Ele proporciona prazer, satisfação e alegria dentro de seus movimentos, liberando as fantasias de cada um. Não somente as crianças buscam os jogos para se divertirem, mas os adultos também desfrutam dos seus benefícios.

Logo, entendo que o futebol dentro da escola deve ter um conteúdo bem elaborado, oferecendo a condição necessária para servir de instrumento no desenvolvimento global da criança e do adolescente.

Baseado no argumento anterior e considerando as características de performance que são apresentadas culturalmente pelos meios de comunicação em relação ao futebol - forma em que o mesmo vem sendo estruturado - busquei

pesquisar a concepção ou as concepções que fundamentam o conteúdo das aulas de futebol nas escolas públicas de 5^a a 8^a série do município de Araçatuba/SP. E, ainda, se existem propostas pedagógicas coerentes com o processo de desenvolvimento da criança e do adolescente por meio do futebol apresentado como jogo. A busca da modalidade na escola pública de 5^a à 8^a série tem sua justificativa na presença do profissional de Educação Física frente às aulas da disciplina, mesmo com uma jornada reduzida, e com a inexistência de professores de Educação Física ministrando aulas, nas séries de 1.ª a 4.ª que utiliza o professor polivalente.

Para argumentar tal tese pesquisei diferentes trabalhos a respeito do futebol e suas características apontadas pelos autores.

Busquei, ainda, levantar outras pesquisas que pudessem construir de maneira significativa todo o entendimento sobre o futebol e tudo que o cerca, retratando sua história, sua dimensão através dos tempos, o carisma que exerce no povo brasileiro e os efeitos negativos produzidos pela a apresentação desta atividade física coletiva, como de alto rendimento e sua apresentação na mídia como produto de marketing. Este será o primeiro capítulo.

No segundo capítulo, apresenta-se o conceito de jogo, na visão de diversos autores, sua teoria e sentido. Posteriormente, pesquisei as palavras brinquedo, brincadeira e suas relações com a palavra jogo.

No terceiro capítulo, discute-se a relação do jogo com a educação através dos tempos, solidificando sua posição como instrumento pedagógico e verificando como ele vem sendo apresentado através do tempo, dando enfoque às propostas de mudanças pelas novas concepções do corpo e do movimento dimensionado na cultura corporal e em sua relação com o objeto de estudo, o fenômeno jogo.

No quarto capítulo fiz uma exposição do trabalho metodológico a ser estruturado, a análise desta proposta de trabalho concluindo com o quinto e sexto capítulos com a pesquisa e considerações finais.

Finalmente, posso dizer que foi gratificante elaborar este trabalho, tendo em vista o enriquecimento pessoal com esses conhecimentos. Portanto, mais que um desafio pessoal, espero que o presente trabalho contribua para um melhor entendimento de como se apresenta o futebol na Educação Física Escolar, buscando com isso mostrar a necessidade de uma proposta pedagógica para que os conteúdos escolares sejam tratados de maneira mais proveitosa possível.

CAPÍTULO 1

PRIMEIRO TEMPO: O FUTEBOL E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Na sociedade atual, a formação do indivíduo se estrutura em exigências cada vez maiores. Ter uma boa formação, com conhecimentos gerais, acrescentando-se uma conduta condizente com o momento político social é, sem dúvida, o que possivelmente pode levar o indivíduo a ter um bom desempenho em qualquer profissão desejada. Esta formação é construída em espaços distintos. Ela se encontra no espaço da família, no meio social e na escola. Na escola os processos de ensino aprendizagem devem resgatar experiências adquiridas em outros espaços com a mediação entre o professor e aluno, acrescentando os conteúdos necessários para o aprimoramento destes conhecimentos, habilidades e atitudes para capacitá-los a buscar seu espaço na engrenagem social.

Neste conjunto de áreas de conhecimento veiculadas pela escola encontramos o espaço da Educação Física, presente no currículo e responsável também pela construção do indivíduo. A Educação Física Escolar deverá oportunizar ao aluno experiências de aprendizagem significativas, executadas com intencionalidade, através da prática de atividades socialmente construídas, nas quais, entre elas, o jogo e o esporte estão inseridos. Estas práticas pedagógicas visam despertar no aluno o seu senso crítico- reflexivo acerca do mundo em que vive. Este conhecimento leva a um reconhecimento de si mesmo, de seu convívio em grupo, do meio em que vive, da sociedade à qual pertence, posicionando-se diante de seus direitos e deveres sociais.

A abrangência do jogo e do esporte, dentro da Educação Física Escolar deve dar destaque a atividades motoras, cognitivas e sociais, indispensáveis em todo processo de desenvolvimento total do indivíduo. Sua importância está estreitamente ligada aos objetivos principais da Educação Física Escolar, que levam a formação de um ser racional, sensível e reflexivo.

Portanto, sendo o jogo e o esporte instrumentos inseridos nos conteúdos das aulas de Educação Física Escolar, analisar a importância desses nesta relação faz-se necessário para se identificar caminhos para práticas pedagógicas bem estruturadas, oferecendo à criança e ao adolescente conteúdo consistente para sua formação total.

1.1- O Esporte na Escola.

Pesquisando o conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, observamos que ele é estruturado na maioria das situações como esporte de rendimento, voltado para performance, que têm povoado as aulas, fazendo com que a prática de atividades física fique restrita a uma minoria. Entender qual o melhor caminho para uma prática saudável e prazerosa na Educação Física Escolar, leva a análise de possíveis diferenças entre jogo e esporte.

Para uma melhor compreensão a respeito das diferenças entre jogo e esporte, consultamos em Bruhns (1993) subsídios para melhor entendimento:

Partir da premissa da similaridade entre esporte e jogo é colocar este último fenômeno dentro de certas restrições pré-determinadas como imposições de regras, modelos, busca de rendimento, recordes, medalhas, juízes, capitães etc, que se pôr um lado caracterizam aparentemente o esporte, acabam descaracterizando a atividade lúdica que apresenta componentes como espontaneidade, a flexibilidade, o descompromisso, a criatividade, a fantasia, a expressividade etc, com características culturais próprias. (p.45)

Pelas colocações acima podemos observar, que a autora difere esporte e jogo, pelos modelos pré-determinados no esporte, que de uma maneira geral, impedem que o lúdico consiga fluir com maior intensidade.

O esporte, quando utilizado de forma inadequada e direcionada pelo professor para o rendimento, na busca de resultados - com vencedores e perdedores - acaba estabelecendo aspectos negativos no processo de construção do indivíduo, dificilmente dando condição para que a criança possa, de uma forma voluntária, se satisfazer com a atividade, pois a busca de resultados positivos faz com que exista

uma responsabilidade maior para se conseguir a vitória, apagando grande parte do traço lúdico apresentado pela atividade.

No esporte para se estabelecer prazer e satisfação, há dependência de uma interação do professor e do aluno de forma efetiva, se não o lúdico não consegue fluir.

Segundo Tubino (1992) o esporte pode ser visto como um dos fenômenos sociais de maior relevância das últimas décadas. Ele considera que o esporte não pode ser mais apresentado apenas como esporte de rendimento, mas também como instrumento educativo e de bem estar social.

O esporte na educação é apenas mais um meio de formação para a cidadania e para o lazer, e não pode se constituir numa reprodução do esporte de rendimento. Esta manifestação esportiva exige princípios e estratégias formais e não-formais específicas de disputa esportiva, devendo acompanhar as próprias evoluções ocorridas nas ações educativas. (TUBINO, 1992, p.59).

Um esporte voltado para a educação da criança e do adolescente, pode adquirir características bem próximas do jogo, porém, dificilmente, o esporte e o jogo podem ser analisados como um só elemento.

Tubino (1992) destaca ainda existir uma confusão generalizada entre o conceito educativo do esporte e o rendimento esperado dele, tornando-se quase impossível identificar os objetivos sociais presentes no esporte-educação. Talvez a grande causadora dos problemas de diferenciação da função estabelecida para o esporte educativo e o de rendimento, incida sobre as regras aplicadas, que são as mesmas do esporte de alto nível, fazendo com que seja valorizado o movimento mecânico econômico e padronizado, objetivando uma plasticidade desejada acima de tudo, mesmo que inconscientemente.

Sendo assim, o esporte de rendimento acontece se o professor não estruturar suas aulas de forma adequada, pois quando ele estabelece regras que não foram construídas pelo grupo, portanto impostas mediante a sua postura diretiva, coloca os alunos na obrigatoriedade de acatar e aceitar as regras específicas de cada esporte.

Logo, verifica-se que o esporte de rendimento se encontra inserido no conteúdo das práticas de Educação Física Escolar por várias décadas, deixando claro que mesmo com o meio acadêmico polemizando-o, ele sobrevive.

Temos em Kunz (1994), comentário relativo ao esporte de alto rendimento:

Por mais contundentes e intensas que estas críticas possam ser, em relação ao esporte de alto rendimento, por mais que tantos já tenham desaconselhado a sua prática, em todos os sentidos, mas, especialmente, enquanto compromisso pedagógico-educacional, ninguém conseguiu abalar ou ameaçar, este tipo de esporte, mais do que ele próprio, nos últimos tempos.(p.44)

Por sua vez Tubino (1992) considera que apenas uma minoria se beneficia do esporte de rendimento, pois enquanto poucos conquistam vitórias, a maioria vivência derrotas e fracassos.

Outros autores como De Marco e Melo (2002) colocam sua crítica em relação ao esporte de rendimento:

Os fatos parecem remeter a idéia de que pouco se aprende no esporte, tanto em relação à motricidade quanto na assimilação de valores éticos e morais, haja vista as constantes atitudes antiéticas observadas no próprio esporte escolar, acometido das mesmas síndromes individualistas e nocivas do esporte rendimento.(p.342)

Os autores acima também ressaltam a sistematização do processo ensino aprendizagem no esporte que não leva em consideração a compatibilidade entre aprendiz e conteúdos de ensino, pois se oferece tudo a todos, do mesmo modo.

O esporte oferecido para as crianças, segundo De Marco e Melo, tem características do esporte praticado pelos adultos, inclusive com exigências de desempenho motor acima do que a criança pode realizar. Podemos dizer também que o esporte de rendimento tem, de acordo com a modalidade praticada, a

centralização de atividades motoras dentro da modalidade trabalhada, padronizando e limitando os movimentos. Fica comprometido o desenvolvimento do indivíduo, pois uma atividade que busque pedagogicamente satisfazer a uma diversificação de movimentos, deve abranger o máximo de situações em que este indivíduo as produza com o máximo de prazer e satisfação.

Outro aspecto negativo é a formação precoce da criança e do adolescente, pois na busca de vitórias e resultados a qualquer preço, a criança inicia desde tenra idade uma carga de treinamento para um desenvolvimento mais rápido e, como conseqüência, os resultados esperados. A busca de maior performance submete as crianças e adolescentes a esforços desnecessários e, na maioria das vezes, prejudiciais à saúde delas, comprometendo a formação global do indivíduo.

Para Kunz (1994), o esporte de alto rendimento faz com que se introduza o treinamento especializado precoce nas vidas de crianças e adolescentes, antes da fase pubertária, influenciando de maneira negativa em todo processo de desenvolvimento motor, psicológico e social do indivíduo. Este tipo de treinamento especializado faz com que a criança tenha que dividir seu dia-a-dia de estudos e brincadeiras com sessões estafantes de treinamento em busca de resultados cada vez mais obrigatórios na busca do sucesso.

O autor destaca, ainda, os maiores problemas que o treinamento especializado precoce apresenta:

Formação escolar deficiente, devido a grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva. A unilaterização de um desenvolvimento que deveria ser plural.Reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância. (KUNZ, 1994, p.44).

De Marco e Melo (2002) também descrevem o que pensam em relação à especialização precoce:

A aprendizagem no esporte tem sido evidenciada pelos maus tratos às crianças, nas quais a especialização precoce e a competição exacerbada têm feito surgir, na infância, síndromes que em épocas passadas eram “privilégios” dos

adultos, como o estresse, a insônia e a ansiedade, entre outros. (p.342)

Os autores anteriores ainda esclarecem que não é de se admirar o número significativo de crianças que abandonam precocemente a prática esportiva, devido a situações constrangedoras a que são submetidas e mesmo por entender que são incapazes de satisfazer as expectativas de professores e pais, em relação à performance e a falta de entendimento entre sucesso e fracasso, vitoriosos e derrotados.

Em relação ao mesmo assunto, Leite (1983) o modelo capitalista apresentado pela sociedade contemporânea faz com que mesmo aquelas crianças que continuam com prática de esportes, pressionados pela família, amigos, escola e a mídia, atingem um nível de estresse tão elevado, que pode resultar em vertigens, tiques nervosos, sonos agitados, enurese noturna, diarreia, vômitos, medo, cansaço e tensão muscular, entre outros.

Ainda Leite(1983) outro elemento que contribui negativamente para o desenvolvimento global da criança e do adolescente, advindo da prática de esporte de rendimento, é a competição exacerbada.

De Marco e Melo (2002) descrevem estudos em relação às crianças na faixa etária dos quatro aos seis anos, expondo algumas cenas que exemplificam a realidade da prática esportiva infantil. O estudo mostra que em determinado momento da competição observou-se que:

Algumas crianças ficavam correndo de um lado para o outro da quadra, fora da ação do jogo, mostrando-se inquietas e desconcentradas. Uma das crianças ficou a maior parte do tempo que permaneceu na quadra sem pegar na bola. Corria, parava e ficava olhando o jogo apertando as mãos, uma contra a outra, bem como virava a ponta da camisa, apresentando gestos de ansiedade. (DE MARCO E MELO, 2000, p.343).

Segundo os autores acima, existe uma grande dificuldade na criança para superar os conflitos psicológicos gerados em competição.

Seria o estresse competitivo instalado na criança, por exposição precoce à responsabilidade nela inculcida.

Não que a competição seja inútil, ela é presente dentro do contexto social desde a pré- história, porém deve-se ter o cuidado de buscar estratégias para que ela seja utilizada em seus aspectos positivos, pois uma sociedade que deseja evoluir não pode preservar traços de atividades corporais, construídas no início de nossa civilização.

Freire(1989) destaca o valor da competição na formação do indivíduo:

A competição, como atividade de jogo, sempre existiu. Isso, contudo, não justificaria por si só sua manutenção. Uma doença qualquer que nos acompanhe há séculos, nem por isso adquire o direito de não ser combatida. O que acontece é que a competição lúdica tem exercido funções importantes: no mínimo a de manter, nas pessoas e na sociedade, uma característica que, na sua ausência, poderia ter-nos custado à própria existência enquanto espécie. (p.150)

Há de se ressaltar que a competição quando estruturada dentro de metodologias - que busquem um conteúdo educativo para a atividade ou jogo praticado - vem somar positivamente ao desenvolvimento global do indivíduo, pois a competição faz parte da sociedade.

De Marco e Melo (2002) também destacam que uma pedagogia bem elaborada faz com que o esporte tenha resultados positivos dentro de contexto educacional:

Não se trata de condenar o esporte, mas de combater as pedagogias que não respeitam o universo infantil, instituindo, em tenra idade, as premissas do esporte rendimento, em que a competição acirrada, a busca pela vitória, as atitudes nocivas e o estímulo para superar os limites corporais são colocados da mesma forma que para os adultos, sem nenhuma adaptação dessas práticas para a realidade da criança. (p.344)

Os autores mencionados notam que um esporte ideal deve ser pautado nos pressupostos teórico-metodológicos de uma pedagogia do esporte, respeitando seus praticantes no que diz respeito à faixa etária, suas motivações e seus interesses.

Portanto, o esporte de alto rendimento, atividade desencadeadora de diversos elementos negativos como a iniciação precoce das crianças e a competição exacerbada, pode fazer com que o esporte com sua estrutura atual, não satisfaça os interesses pedagógicos necessários para a formação global da criança e do adolescente. Para que o esporte satisfaça os interesses pedagógicos necessários ao desenvolvimento da criança e do adolescente, deve deixar o rendimento para os que possuam talento ou pré-disposição para o mesmo e buscar massificar uma pedagogia em que a grande maioria seja contemplada. A massificação de uma pedagogia esportiva consistente tem em estudos analisados, contribuições para esta concepção de esporte.

Kunz (1994) coloca a necessidade de modificações didático-pedagógicas no esporte de rendimento, para que, posteriormente, possamos ter conteúdos nos quais realmente possamos buscar um esporte educação para um cidadão reflexivo e crítico em nossa sociedade.

Kunz (1994) baseado nas obras de Habermas faz considerações sobre o esporte como meio pedagógico para se utilizar nos conteúdos das aulas de Educação Física. Para isso, deve-se utilizar a teoria pedagógica crítico-emancipatória, acompanhada de uma didática comunicativa:

É uma racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a Educação é sempre um processo onde se desenvolvem ações comunicativas. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. A capacidade comunicativa não é algo dado, simples produto da natureza, mas deve ser desenvolvida. (KUNZ, 1994, p.30).

Acredito que a solução para a febre de consumismo deste produto que é o esporte de alto rendimento, seja a educação da população. O reconhecimento do esporte como instrumento pedagógico faz-se necessário, para que o professor interaja com os pais e alunos, para redirecionar, o aproveitamento do aprendizado de esportes como veículo educativo para a formação total do indivíduo e lazer do público.

Kunz (1994) descreve todos os pontos que um professor de Educação Física deva observar para dimensionar a prática de modalidades esportivas:

Para se ensinar os esportes aos alunos deve-se observar, pelo menos: as experiências anteriores dos alunos nas modalidades que se pretende ensinar, as influências e expectativas do esporte normatizado e clubístico, as condições locais e materiais da escola para o ensino da modalidade e, ainda, a própria organização do ensino e da escola. Na forma prática o esporte passa por uma “análise de sentido”, num trabalho conjunto entre professor e alunos. Importante é desenvolver uma capacidade de agir pelo esporte e, para tanto, os próprios alunos precisam aprender a compreender melhor o sentido que o esporte tradicional tem e que poderá ter para o seu mundo.(p.18)

A interação professor/aluno deve ser o elo principal na formação proposta. Mostrar ao aluno as diferenças do esporte de alto rendimento e o esporte educativo, este bem caracterizado pelo jogo, faz parte do discurso do docente.

A cultura do movimento inserida nos jogos deve também ser explorada totalmente, com todos os alunos da classe, buscando a inclusão de todas as atividades motoras propostas.

Particularmente, entendo que o esporte educação, que se estrutura dentro do jogo, se estabelece no momento em que observamos o sorriso estampado no rosto da criança, ou seja, a satisfação e o prazer de estarem praticando a atividade, pode ser o limite entre o certo e o errado. Cabe ao professor selecionar seus conteúdos, com atividades que valorizem o rico repertório dos jogos, na busca pela satisfação e o prazer, fazendo com que as crianças e adolescentes vivenciem o futebol de uma maneira que não se privilegie nenhum dos melhores alunos do grupo. Estas aulas devem ser uma prática prazerosa para os alunos, o esporte pelo

movimento total do indivíduo, direcionado para a inclusão da liberdade de movimentos, objetivando o desenvolvimento motor, cognitivo e social do indivíduo. Posso dizer que o jogo é o esporte da criança, pelo seu rico conteúdo lúdico.

1.2 – Futebol: paixão nacional.

Que seria da bola de futebol sem um menino bem brasileiro na vida dela? Os dois nasceram, sob medida, um para o outro. Ambos gostam de brincar. Aliás, em qualquer lugar do mundo, todo garoto adora brincar. Toda bola adora ser brinquedo, seja no Brasil, seja na Patagônia. Aqui, no Brasil, porém, a história é diferente. Aqui, a bola é parceira, que ajuda o menino a fazer suas mágicas. O inglês inventou o futebol. O brasileiro inventou o futebol de delícias... O futebol de malícias. A mágica é facilmente explicável. (NOGUEIRA, 1998, p.14).

O futebol é uma atividade física¹ coletiva que mais tem praticantes no país. Uma atividade apaixonante que faz parte da rotina dos brasileiros, incorporada de Norte à Sul do país.

Esta atividade física coletiva é um fenômeno cultural. São diversos os educadores, atores, músicos, poetas, escritores, artistas, autores e personalidades a enaltecerem o estreito amor do brasileiro com a bola.

Castellani Filho (1998) indagava, sobre esta paixão nacional e tentava elucidar qual o segredo em relação à paixão do brasileiro pelo futebol:

Que segredo é esse do futebol que faz com que 130 milhões de brasileiros uns, vítimas da seca do nordeste, outros, das enchentes do sul, a maioria vítima de um sistema que deles, suga toda à vontade de resistir – de repente, como que tocados por uma varinha mágica, por um feitiço coletivo, permaneçam durante noventa minutos presos à magia de 22 homens (ou deuses?) dentro de um campo de futebol? Que encantamento é esse do futebol que faz surgir de todas as esquinas do país, das palafitas cobertas de folhas de babaçu às suntuosas residências dos coronéis, a mesma emoção, o mesmo sofrimento, a mesma alegria contagiante no instante do gol, como que se aquele momento supremo do jogo de bola fosse capaz de anular as diferenças sociais. (p.45)

¹ No meu entendimento, o futebol deve ser caracterizado como uma atividade física coletiva, onde sua utilização pode leva-lo ao jogo ou esporte.

Esclareço que neste trabalho não será objeto de estudo a atração dos brasileiros pelo futebol, porém fica exaltado todo amor e paixão do povo pelos diversos 90 minutos que milhões de brasileiros passam na frente da televisão, nos estádios ou simplesmente na rua de paralelepípedo, assistindo, torcendo, xingando, rindo, chorando, sonhando ou se tornando personagem de uma partida de futebol.

Nosso poético futebol, enquanto jogo deve ser um das atividades físicas mais antigas da nossa civilização.

No Egito, foram encontradas pinturas referentes às atividades físicas com bola, comentário de Marinho (1980) com destaque:

Jogos dos mais difundidos, e talvez antigos, são os de bola. Sabe-se que até os antigos egípcios as utilizavam na sua recreação, sendo a bola feita de pele, cosida no sentido transversal e comumente recheada de pedaços de sabugo de milho. (p.26)

Já Franciscon (1998-1999) relata sobre a origem de atividades físicas com bola, que são citados em 2.600 a.C.

(...) Na China já se jogava com uma bola e 16 jogadores de cada lado. Era o Kemari, cujo objetivo era passar a bola além dos limites demarcados por duas estacas fincadas no chão e ligadas por um fio de seda. Seriam eles os precursores do futebol? Ou os Gregos que na Antigüidade clássica praticavam um jogo semelhante ao futebol, Epyskiros, disputando com os pés e no qual uma linha de meta tinha que ser ultrapassada, ou em Roma onde se praticava o Harpastum, onde jogavam defensores, meio-campistas e atacantes? Esta parece ser hipótese mais aceita pelos historiadores como o precursor do futebol, cujas variantes na idade média eram o Soule ou Choule praticado na Bretanha e Normandia e na Itália sobe o nome de Gioco Del Calcio. (p.03)

Estas práticas, encontradas em manuscritos e desenhadas em tumbas e hipogeus nos comprova o quanto é antigo a pratica de jogos com bola, dentro das sociedades primitivas.

Saber precisamente quem inventou o futebol seria uma tarefa de difícil conclusão. Porém, quem ficou com o mérito desta invenção foram os ingleses, que no século XVIII, incluiu o futebol nas escolas.

No Brasil o futebol só chegou na segunda metade do século XIX. Segundo Franciscon (1998-1999), trazido por marinheiros ingleses e holandeses, que jogavam na praia nas horas de descanso. Mais de acordo com o autor, o mérito foi dado para o estudante Charles Miller, filho de ingleses, que trouxe duas bolas e outros equipamentos de jogo, e no dia 14 de abril de 1895 realizou a primeira partida de futebol em solo brasileiro. Foi assim que chegou ao nosso país a paixão número um do povo.

O mesmo autor mencionado acima coloca que a profissionalização do futebol começou ainda no século XIX, na Inglaterra, devido ao crescente número de participantes, pessoas de camadas mais baixas que não tinham profissão e treinavam cada vez mais, buscando um ofício.

Começaram os encontros esportivos com cobrança de ingressos, como forma de gerar receita nos espetáculos, para sustento destes atletas, sugerindo a profissionalização do futebol. Apesar da resistência das classes altas desinteressadas na profissionalização, ela se tornou fato consumado a partir do ano de 1885.

Deste ponto em diante, o futebol foi uma avalanche, com cada vez mais adeptos, buscando sua prática, nos momentos de lazer ou como espectadores de partidas de alto nível, satisfazendo suas necessidades com esta atividade física coletiva, que se alimenta de uma paixão mundial.

Esta expansão do futebol fez com que a mídia, procurando nas camadas sociais, instrumentos que associassem suas marcas ao sucesso, atrelasse investimentos pesados no mesmo buscando o esporte de alto nível. A mídia comanda o esporte espetáculo da atualidade, colocando seus interesses comerciais acima de tudo. O mercado do esporte de alto rendimento é milionário. Materiais esportivos de alta tecnologia, vitaminas, cigarros, bebidas, enfim, vende-se de tudo para todos no esporte atual, no qual ele representa o grande agente de propaganda.

A sociedade contemporânea presenciou nas últimas décadas um crescimento substancial da cultura do esporte de alto rendimento. O futebol descompromissado dos campos de várzea passou para estádios imponentes, grandes castelos de espetáculos, nos quais o que vale é o resultado.

A importância entre perder e ganhar fica latente aos olhos dos espectadores que levados pela paixão do esporte, brigam, sofrem e até morrem, pelo ideal de vitória de seu time de futebol.

O futebol, como esporte profissionalizado representa uma das maneiras de rápida ascensão social e financeira principalmente no Brasil e países subdesenvolvidos, onde mudar de classe social é uma tarefa quase impossível. Surge, assim, o futebol como resgate de famílias que por meio da mídia envolvida no jogo capitalista do futebol, passam para a população em geral a imagem de dinheiro fácil, tipo jogo do milhão, do SBT. Quem viveu profissionalmente o futebol, no meu caso, sabe que a afirmação é verdadeira.

Na verdade, aproximadamente, 2% dos atletas profissionais conseguem independência financeira quando terminam suas carreiras futebolísticas, os outros 98% vivem na expectativa de ser mais um na elite destes 2%. Sabe-se, logo que o esporte como é apresentado pela mídia, não oferece aos seus praticantes elementos para formação geral da criança e do adolescente e comprovadamente prejudicam a saúde física de seus praticantes.

A cópia dos modelos de competição exacerbada e de alta performance, quando apresentadas irresponsavelmente por educadores, fomenta vivências de sucesso para uma minoria e fracasso e insucesso para a grande maioria. Portanto, o futebol, paixão nacional, se encontra estruturado dentro de uma concepção de esporte de alto rendimento.

Apesar de ter um número ilimitado de praticantes em diversas faixas etárias, podemos dizer que o futebol, principalmente, na mais tenra idade, pode não contribuir no processo educativo de seus praticantes.

O futebol na escola deve estar estruturado dentro de um conteúdo desenvolvido pelo professor de Educação Física, no qual a utilização do mesmo, como um instrumento pedagógico inserido no processo de desenvolvimento de criança e adolescente, deva fazer com que esta atividade física coletiva seja fator de motivação para a prática e o conteúdo do futebol seja caracterizado como jogo. Somente com este conteúdo é que o futebol pode aliar sua popularidade com uma prática saudável, prazerosa e feliz, contribuindo assim com a formação do indivíduo.

Enfim, podemos dizer que a atitude diante do esporte de alto rendimento pode ser redirecionada pelo professor da modalidade esportiva, no nosso caso o futebol, como um instrumento para se adquirir educação através do esporte.

Entender o futebol, como instrumento pedagógico, faz com que primeiramente tenha que se buscar todos os elementos para embasar e solidificar esta posição, como foi descrito neste trabalho.

Fazer do futebol um momento de prazer e de movimento deve ser a atitude desejada e orientada. Sua prática pode ser adequada e utilizada como elemento educativo.

Espero assim contribuir com o processo de educação do indivíduo pelas atividades físicas coletivas, especificamente o futebol, para que, em um futuro próximo possamos ter uma conscientização mais ampla no que se diz a respeito ao futebol e sua utilização como jogo na Educação Física Escolar.

CAPÍTULO 2

SEGUNDO TEMPO: AFINAL, O QUE É JOGO?

2.1- A teoria do jogo

O jogo vem, através dos tempos, sendo objeto de estudo de filósofos, pedagogos e psicólogos, dentre outros. Temos na teoria do jogo grandes divergências; porém, renomados autores procuram uma definição aproximada de tudo que o envolve. Elkonin(1998), destacou em seu trabalho, esta dificuldade para encontrar uma definição das teorias biológicas e psicológicas do jogo infantil. O autor descreveu ainda que: *“Alguns livros de psicologia e trabalhos experimentais sobre o jogo, estão mais orientados para as observações empíricas do que um trabalho teórico”*.(p.13)

O autor acima também chegou à dedução de que:

Não são possíveis uma definição e limitação exata do jogo na vasta esfera de atividades do homem e dos animais, e de que toda busca dessas definições deva ser qualificada de jogos científicos dos próprios autores.(p.14)

Portanto, para alguns autores formularem com exatidão uma definição de jogo, torna-se difícil pelo grande número de divergências, ainda assim a menção anterior, pode ser entendida como uma possível definição de jogo.

Mesmo em um primeiro momento sabendo das dificuldades em se encontrar uma teoria absoluta, buscamos resposta referente ao fenômeno jogo, na verificação de alguns autores e de diversas teorias condizentes a sua dimensão.

Dentre estas teorias relativas à definição de jogo, encontra-se em Bruhns (1993) a teoria dos instintos:

A teoria dos instintos proveniente de um conceito popular no século XIX supõe a presença de poderes inatos nos seres humanos, herdados de geração a geração. Dentro dos instintos humanos, o jogo seria um deles, pois se constitui em impulsos naturais da personalidade e do comportamento. (p.04)

A teoria dos instintos propõe que o jogo seria herdado instintivamente pelo ser humano, podendo impulsivamente aflorar quando o indivíduo seja solicitado.

Temos menção também em Huizinga (1980) clássico de nossa literatura sob o ponto de vista sócio-antropológico, a respeito da teoria dos jogos, citadas como teoria genética:

A constituição genética específica do indivíduo determina sua potencialidade e o meio influenciaria nas suas realizações durante o desenvolvimento. Os genes transmitiriam a tendência para o jogo, sendo este constituído numa necessidade orgânica. (p.42)

O autor citado entende que o jogo nasce especificamente com cada indivíduo, sendo influenciado posteriormente pelo meio social em que ele convive e se relaciona, formando seus próprios jogos na primeira infância. E utilizando as características sociais do seu habitat para a formação de novos jogos.

A teoria do jogo de maior destaque está concentrada no desenvolvimento biológico. Rosamilha (1979) comenta a importância do jogo e sua disposição biológica: “ Se o jogo não tivesse importância na vida do ser humano, ele seria biologicamente deletério, pois a disposição geneticamente transmitida nele seria eliminada por meio da seleção natural”. (p.26)

O autor observa que se o jogo não fosse importante para os seres humanos, ele não continuaria na escala evolutiva do homem, pois a humanidade tende a desacelerar aos poucos até excluir, qualquer hábito que reflita de modo negativo, a vida do ser humano e seu desenvolvimento.

Na mesma linha de pensamento da teoria biológica, procuramos novamente, em Rosamilha (1979) os estudos que relacionam o jogo animal e o humano, dando ênfase ao período da infância. Esta relação reside no fato de que,

alguns animais fazem uso do jogo, com maior intensidade, principalmente nos primeiros anos de vida. Os animais pequenos brincam não se pode negar.

Quem já não viu um cachorrinho brincando de morder o outro ou um gato brincando com uma bolinha?

Podemos constatar que a diferença entre o jogo animal e o humano, está no fato de que no animal este jogo é oportunizado para suprir necessidades básicas, como sobrevivência, defesa, busca de alimentação e também para treinamento para a vida adulta, podendo ser estas as limitações que o jogo se determina entre os animais; enquanto o ser humano tem uma maior flexibilização e amplitude de vivências do jogo durante sua infância, por ser a espécie humana mais desenvolvida na escala biológica.

Quanto mais avançarmos na escala biológica da evolução das espécies, mais freqüente é o jogo, apresentando a maior incidência sobre a espécie humana. Isso vem deixar claro que não se trata de algo exclusivamente humano. Cabe, porém, bastante cautela nessa afirmação, pois embora tenhamos dito que o jogo existe tanto no mundo animal quanto no mundo humano, isto não quer dizer que sejam idênticos. Defendemos que cada qual tem suas características próprias. (DELVAL, 1998, p. 45).

Outros autores separam os habitantes do planeta como seres superiores e inferiores, dependendo de seu desenvolvimento na escala de evolução das espécies.

De acordo com Chateau (1987) uma classificação que coloca de forma mais explícita, uma diferenciação dos jogos entre os seres vivos que habitam o planeta, coloca-se da seguinte forma: o ser humano, juntamente com os mamíferos e carnívoros são pertencentes à classe dos animais superiores, e os répteis, insetos, peixes e outros invertebrados pertencem à classe de animais inferiores. Verifica-se uma tendência maior ao jogo entre os animais superiores pela melhor capacidade intelectual, enquanto que os animais inferiores se encontram desprovidos da capacidade para jogar, por ser uma classe menos evoluída.

Rosamilha (1979) também se expressa em relação às espécies superiores diferenciando-as pela intensidade dos jogos dependendo da espécie: "O

traço biológico do lúdico, como é medido pela incidência do jogo, cresce em intensidade na classe dos mamíferos, de acordo com a posição das espécies na escala de evolução que leva ao homem”.(p.27)

Rosamilha (1979) encontra nos estudos de Aldis (1975) a afirmação, na qual o autor afirma que o jogo entre os animais invertebrados é inexistente, pois quando se verifica alguma movimentação parecida com jogo, este movimento é repetido diversas vezes, sem um sentido lógico, ou seja, parece uma disfunção temporal, enquanto que nos animais superiores, o movimento tem uma lógica e a cada instante de um jogo, o animal superior demonstra a incorporação de habilidades ao seu repertório cognitivo e motor.

Um maior tempo para adaptação em seu habitat pode ser o elemento de diferenciação entre os animais superiores e inferiores, sendo este período de adaptação chamado de infância.

Chateau (1987), comenta o período de infância como elemento fundamental e de diferenciação entre aos animais:

A aparição do jogo nos animais superiores manifesta uma etapa capital na lenta ascensão das formas vivas para essa forma evoluída que é o homem. Mas, entre as formas dos animais superiores, o lugar ocupado pelo período de jogo, pela infância, é também um sinal não enganador da superioridade ou inferioridade de uma espécie. (p.55)

Segundo Elkonin (1998), na maioria dos casos observados na sociedade dos animais superiores há uma pré-disposição inata para durante os primeiros anos de vida, seus pais protegê-los, alimenta-los e culturalmente educá-los de acordo com o convívio social, até uma idade que ele possa incorporar experiência necessária para o relacionamento com a sociedade e seu sustento individual. Verifica-se uma atividade cognitiva apurada, enquanto seu desenvolvimento motor ainda é precário.

Nos animais inferiores não existe este período de aprendizado, eles nascem com atividade motora praticamente definida, porém não têm uma condição cognitiva auto-suficiente.

Elkonin (1998) cita a importância da infância no desenvolvimento dos animais superiores, destacando o ser humano:

Se for certo que o desenvolvimento das adaptações às sucessivas tarefas vitais constitui o objetivo principal da nossa infância, não o é menos que cabe ao jogo lugar preponderante nessa relação de conveniência, de modo que podemos dizer perfeitamente, empregando uma forma um tanto paradoxal, que não brincamos porque somos crianças, mas que nos é dada à infância justamente para que possamos brincar. (p.85)

Há também dentro das teorias propostas para se elucidar o fenômeno jogo, a teoria do excesso de energia, de Elkonin(1998) e que analisa a diferenciação do jogo dos animais superiores e inferiores na forma como utiliza sua energia. Seria o jogo utilizado como forma de descarga de energia excedente:

As espécies animais inferiores possuem a característica geral de que consomem todas as suas energias em função de importância vital. Andam sempre buscando comida, fugindo de seus inimigos, construindo ninhos e proporcionando teto e sustento à sua prole.(p.119)

O autor ainda comenta que, na medida em que evolui na escala animal, para espécies superiores, consome-se energia com mais eficiência, satisfazendo-se suas necessidades com melhor qualidade. Dessa maneira fica um excedente de energia as quais os animais mais desenvolvidos podem utilizá-la para outras atividades, entre elas o jogo.

Chateau (1987), faz críticas em relação à teoria do excesso de energia, pois entende que não existe excesso de energia, porque como se pode dizer que existe um excesso de energia se não existe um acúmulo de energia, tendo em vista que os jogos das crianças têm objetivos claros e definidos e existe um interesse para esta prática? Ou seja, as crianças jogam pelo prazer e satisfação que o jogo lhes proporciona.

No campo da psicologia Piaget (1975) uma das maiores referências no assunto, descreve seu pensamento:

Se o ato de inteligência culmina num equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, enquanto que a imitação prolonga a última por si mesma poder-se-á dizer inversamente, que o jogo é essencialmente assimilação ou assimilação predominando sobre a acomodação.(p.115)

Piaget (1975) ainda observa que o jogo é simples assimilação funcional ou reprodutora. O autor encontra na satisfação que o jogo apresenta a peça fundamental para a capacidade de assimilação que subordina a acomodação:

Enquanto a inteligência busca pensamento objetivo, que procura submeter-se às exigências da realidade exterior, o jogo da imaginação constitui, com efeito, uma transposição simbólica que sujeita as coisas à atividade do indivíduo, sem regras nem limitações. (p.116)

O prazer funcional do jogo desperta a capacidade de assimilação do indivíduo, buscando exercitar o que se encontra acomodado, formando novos modelos. Piaget (1975) assim interpreta a evolução do jogo: “ jogo evolui, pelo contrário, por relaxamento do esforço adaptativo e por manutenção ou exercício de atividades pelo prazer único de dominá-las e delas extrair como que um sentimento de eficácia ou de poder ”. (p.117)

Piaget (1975) descreve que para cada estímulo dado à criança acontece um ato de entendimento do conteúdo, e este começa a fazer parte dos arquivos cerebrais da criança. A partir do momento que existe uma dissociação, entre assimilação e acomodação, a primeira passando a subordinar a segunda, funcionando por si própria, surge o jogo de exercício.

Portanto, após observação e análise das diversas teorias a respeito da origem do jogo, descritas acima, temos em Bruhns(1993) uma interpretação sobre o que representa, e o que foi apresentado sobre o fenômeno jogo, sendo que este pensamento é o que mais se aproxima do nosso trabalho. A autora descreve:

Essas teorias oferecem visões parciais do fenômeno, colocando basicamente a importância na hereditariedade, em aspectos biológicos e fisiológicos. Partem dos indivíduos numa situação evolutiva, não considerando a vida do homem em sociedade, e sua cultura influenciando-o nas suas ações. Para

melhor compreensão e uma crítica mais apurada, deveria ser considerado o momento histórico no qual foram elaborados, pois dessa forma seria percebida a intenção sustentada pelos valores dominantes na época do surgimento. (p.36)

Podemos avaliar após análise de diversas literaturas, que o ser humano, sendo o ser mais evoluído da nossa civilização, tem no jogo um elemento imprescindível no seu desenvolvimento.

Quanto mais evoluído o ser, mais o jogo tem uma influência nos processos de construção social, motora e cognitiva, isto é, no desenvolvimento total do indivíduo, sendo a cultura da sociedade do momento histórico a responsável pelo processo de socialização do mesmo, e de onde se estrutura toda a dimensão do jogo.

2.2- Conceituação do Jogo

Pesquisando a palavra jogo, busquei nos mais diversos autores e línguas seu significado. Percebi que diversas línguas concebem uma noção de jogo em um sentido amplo, com mais de uma palavra para defini-lo, e apenas a língua portuguesa utiliza apenas uma palavra para conceitua-lo.

Sobre este assunto Huizinga (1980) comenta que, “nem todas as línguas concebem a noção de jogo, por meio de uma só palavra, de um modo tão estrito e ao mesmo tempo tão amplo”. (p.02)

Em Rosamilha(1979) verificamos diversos significados, sem um destaque especial, “no latim *jocus*, italiano *gioco*, e ao inglês *game* do século XI, de origem teutônica”. (p.04)

Rosamilha (1979), nota que a palavra jogo nas diversas línguas trazem significados diferenciados:

Tanto quanto a palavra inglesa ‘play’, o termo alemão ‘spielen’ significa muitas coisas, como jogar, brincar, representar, tocar, podendo ser verbo transitivo ou intransitivo. Conclui-se assim que ‘to play’ do inglês, ‘jouer’ do francês e ‘spielen’ do alemão correspondem ao nosso jogar. (04)

Para Brougère (1980) a palavra jogo, é um termo polissêmico, e às vezes, ambíguo, sendo de difícil conceituação ". (p.14)

E o autor acima, completa sua análise com o seguinte raciocínio:

Estamos lidando com uma noção aberta, polissêmica e às vezes ambígua. A língua usual, utilizada tal qual pela maioria dos autores, leva-nos a um termo que deverá ser investido, analisado e compreendido em seu próprio funcionamento. (p.14)

Segundo o autor acima, a sociedade que utiliza o jogo concebe seu significado dependendo de sua cultura. Por este motivo temos o jogo identificado em várias culturas de maneira diferenciada. Entender que o termo jogo, não tem um ponto único em comum, observado que em vários momentos a discussão do termo lingüístico, foge inteiramente do funcionamento da linguagem, isso pode ser encarado como aceitável.

Brougère (1998) comenta sobre a utilização deste termo em situações diferentes, colocando da seguinte forma, "devemos primeiramente encarar uma palavra estratificada em vários níveis de significação e isso mesmo sem que nos interessemos pelos sentidos ditos derivados". (p.41)

A palavra jogo, também é encontrada em diversos autores, como os já citados acima, relacionada com mais constância a palavra lúdica, brincadeira e brinquedo, sendo entendida como sinônimo destas.

Freire (1989) comenta que, "os termos brincadeira, brinquedo e jogo significam a mesma coisa, exceto que o jogo implica a existência de regras de perdedores e ganhadores quando de sua prática". (p.116)

O termo lúdico é expressão portuguesa originária do ludus latino, sinônimo de jocus. Sobre o lúdico, Luckesi (1994) afirma, que o lúdico não é uma questão tão fácil de elucidar e mostra toda a complexidade a envolver seu entendimento:

O lúdico é o modo de ser do homem no transcurso da vida; o mágico, o sagrado, o artístico, o científico, o filosófico, o jurídico são expressões da experiência de 'ir e voltar', 'entrar e sair', 'expandir e contrair', 'contratar e romper contratos', o lúdico significa a construção criativa da vida enquanto ela é vivida. (p.51)

O jogo é denominado como “atividade lúdica”. O material lúdico está presente nos jogos imaginários das crianças, na construção de seu mundo, no prazer e satisfação que o jogo proporciona. Pode-se entender que o elemento lúdico se estabelece a partir do momento em que o indivíduo se entrega ao jogo. Neste momento todo o prazer, satisfação e fantasia que o jogo proporciona deve ser encarado como a presença do lúdico.

Quanto ao brinquedo é de vital importância para a criança, pois ele é o suporte para ajuda-la a colocar suas fantasias para fora. Freire (1989) comenta a importância do brinquedo no desenvolvimento das crianças:

Quanto mais nova a criança, mais individual e aut centrado são seus brinquedos. A criança, em sua primeira infância, é muito centrada nela mesma. Constrói sua realidade trabalhosamente, adquirindo noções espaciais, temporais e do próprio corpo, diferenciando-se, assim, dos objetos ao seu redor. (p.19)

Oliveira (1986) afirma que a representação do brinquedo exercita a vontade de tudo conhecer, porque o brinquedo permite mergulhar em um mundo só seu, dentro de sua ilimitada imaginação e comenta:

Nos brinquedos, práticas e interpretações sociais estão representadas. Um estudo do brinquedo permite uma incursão crítica ao solo em que se funda a sociedade; ajuda a entender a situação social das crianças em relação aos adultos; testemunha, além disso, a riqueza do imaginário infantil a enfrentar e a superar barreiras e condicionamentos. (p.11)

O brinquedo, quando utilizado na primeira infância, tem o papel de fazer o elo de ligação entre a criança e o jogo estabelecendo relações de troca com ela e seus colegas, sendo que no momento em que a criança atinge prazer e satisfação no jogo, é atingido o elemento lúdico. Logo, podemos entender que o jogo e o brinquedo são elementos do material lúdico.

Brougère (1998) define o brinquedo e ressalta que mesmo parecidos, jogo e brinquedo têm sua autonomia, mesmo fazendo parte do material

lúdico. O autor lembra que, (...) “o vocabulário ‘brinquedo’ não pode absolutamente permitir a redução da polissemia de ‘jogo’, mas nele destaca uma esfera específica e, em parte autônoma”. (p.15)

Brougère (1998) ainda descreve as características que possam diferenciar o jogo do brinquedo:

Entre o material lúdico, certos objetos são usualmente designados como jogo; outros como brinquedo. O brinquedo supõe uma relação com a infância e uma abertura, uma indeterminação quanto ao uso, isto é, a ausência de relação direta com um sistema de regras que organize sua utilização. (p.15)

Logo, não podemos entender lúdico e brinquedo como sinônimo da palavra jogo, mas sim, como termos relacionados entre si. O jogo e o brinquedo fazem parte do contexto do lúdico.

Brougère (1998) comenta que, “cada sociedade determina um espaço social e cultural onde o jogo pode existir legitimamente e tomar sentido”. (p.16)

A conceituação do termo jogo descrita por Brougère (1998), faz uma elucidação mais detalhada sobre o assunto:

O jogo é uma coisa de que todos falam, que todos consideram como evidente e que ninguém consegue definir. Na impossibilidade de saber se a coisa denominada jogo existe, é certo que existe uma necessidade de compreender, antes de qualquer tentativa de definição do jogo, de que se trata quando o termo é empregado. Se a palavra jogo é empregada e parece ser compreendida, é exatamente porque pressupõe da parte de cada um essa compreensão mínima. (p.17)

O autor destaca que deve existir algum entendimento pré-estabelecido entre os envolvidos no jogo, pois se há um indivíduo ou grupo interagindo em uma atividade em que todos têm a noção que é um jogo, então o jogo para aquele grupo pressupõe-se que exista.

Já Huizinga (1980) comenta que o jogo transcende o ser humano, e alerta:

Como a realidade do jogo ultrapassa a esfera da vida humana, é impossível que se tenha seu fundamento em qualquer elemento racional, pois nesse caso, limitar-se-ia à humanidade. A existência do jogo não está ligada a qualquer grau determinado de civilização, ou a qualquer concepção do universo. Todo ser pensante é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo. A existência do jogo é inegável. É possível negar, se quiser, quase todas abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo. (p.06)

Enfim, o universo do jogo não nos permite uma definição precisa do termo, mais se pode, situar-se diante de sua existência e sua contribuição no processo de aprendizagem da criança, diante da atitude de seus participantes durante o momento em que jogam, no sorriso estampado em cada rosto, fazendo com que exista o entendimento sobre o prazer que ele proporciona.

2.3- Principais características do jogo

Dentro das principais características dos jogos abordados por autores temos Huizinga (1980), Caillois (1990), Kishimoto (1997), Piaget (1975), Buytendijk (1974), entre muitos outros que contribuíram para um melhor entendimento da natureza do tema elucidado.

Caillois (1990) se refere às características dos jogos da seguinte maneira:

O jogo é uma atividade livre (diversão sem caráter de obrigatoriedade), delimitada (espaço e tempo previamente estabelecidos) incerta (sem previsão de resultados), improdutiva (não mantém vínculos com a sociedade de consumo), regulamentada (submissão às regras), fictícia (fundamentada num contexto de irrealidade perante a vida). (p.38)

Já Huizinga (1980) cita a liberdade de ação como a primeira das características fundamentais do jogo. Esta liberdade de ação é fundamentada nas análises das teorias genéticas do jogo, no instinto ou ainda como instrumento de

amadurecimento para a vida adulta, uma coisa é certa: crianças e adolescentes jogam no momento que decidem, sem imposições. Mesmo o adulto, que em alguns momentos utiliza o jogo, pode facilmente refutá-lo, dependendo do momento ou tarefas mais significantes que o homem ou a mulher moderna tenha, ou seja, o período de trabalho, por exemplo. Portanto estes fatores podem caracterizar a liberdade em discussão.

Huizinga (1980) assim se expressa sobre a liberdade do jogo:

(...) É possível adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas horas de ócio. Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual. (p.11)

A segunda característica citada por Huizinga (1980) e que segundo o autor está intimamente ligada à característica de liberdade, identifica-se como “faz de conta”. Marcante no jogo, o “faz de conta” seria a diferença entre a vida real e o imaginário que o jogo oferece. O “faz de conta” constitui-se na livre imaginação das crianças e pessoas que se envolvem no jogo, deixando com que quem esteja envolvido dê asas à imaginação.

Nesta linha de pensamento, Huizinga (1980) se expressa da seguinte forma sobre a referida característica: “Apesar do mundo do faz de conta parecer menos importante do que a realidade, a beleza e a perfeição, do’ faz de conta’ ultrapassam o valor da nossa vida real, sempre marcada pela imperfeição”. (p.11)

Ele ainda compreende que o “faz de conta”, se caracteriza pelo fato da criança estar “só brincando”, fazendo com que ela fique totalmente absorvida pelo jogo. Mesmo sabendo da seriedade do jogo, em alguns momentos ele parece-nos inferior à realidade.

A terceira característica do jogo, segundo Huizinga (1980) dá ênfase por ser desinteressado, ou seja, sem obrigação. O autor define esta característica do jogo como:

Visto que não pertence à vida 'comum', ele se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos e, pelo contrário, interrompe este mecanismo. Ele se insinua como uma atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização. É pelo menos assim que, em primeira instância, ele se nos apresenta: "como um intervalo em nossa vida quotidiana".(p.11)

A quarta característica segundo Huizinga (1980), determina o isolamento e a limitação, ou seja, todo jogo tem um início e um fim, mesmo alternando resultados (exemplo o caso do placar do futebol ou mesmo a queimada), possui identidade e sentido próprio. Dentro de uma comunidade, todo jogo possui sua própria história, seu rumo. Mesmo após ter terminado ele fica gravado na memória dos seus participantes, tornando-se assim um fenômeno cultural. A alternância de resultados e a repetição de situações do jogo o tornam um objeto de grande valia, ou seja, o fato de todos chutarem ao gol, no jogo de futebol, ou pelo menos tenham esta possibilidade, já dá uma grande motivação aos seus participantes.

O jogo distingue-se da vida comum tanto pelo lugar, quanto pela duração que ocupa. É a quarta de suas características principais: o isolamento, a limitação. É jogado até o fim, dentro de certos limites de tempo e de espaço. Possui um caminho e um sentido próprio. (HUIZINGA, 1980, p.13).

Posso citar como a quinta característica do jogo sua capacidade de ordenação. Segundo o mesmo autor "*ele cria a ordem pela ordem*". Neste sentido, avaliamos que o jogo entra dentro de nossas vidas imperfeitas e mostra-nos uma perfeição mesmo que temporária e limitada, que tentamos seguir, fazendo do jogo fator estético de beleza. Tentamos fazer do jogo uma atividade em que haja ritmo, harmonia, equilíbrio, variação, união, cativando aqueles que o desfrutam naquele determinado momento. A imperfeição não faz parte do jogo. Quando ela aparece, estraga a festa, tirando dele sua identidade e a motivação para se continuar.

Todo este momento de afirmação dentro do jogo seja individual ou coletivo, gera uma tensão no jogador, uma concentração específica naquilo que se

está jogando. Esta concentração extrema que acontece no jogador lhe dá uma responsabilidade em acertar e fazer o melhor, conferindo-lhe um caráter ético para o jogo, colocando à prova suas habilidades e trazendo o elemento competitivo. E quem ganha com esta situação é o próprio jogo, pois temos postas à prova todas as qualidades dos jogadores, como força, tenacidade, habilidade, companheirismo, coragem e a lealdade com seus companheiros e adversários.

Huizinga (1980) mostra como sexta característica as regras do jogo, e comenta que, "... todo o jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que vale dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão". (p.14)

Isso mostra que mesmo tentando fazer o melhor possível, o jogador deve respeitar as regras impostas antes do começo do jogo, porque são determinantes do bom andamento dele. As regras são fatores preponderantes nos jogos, definindo o que é aceito e o que é negado dentro do jogo. A desobediência às regras bem como os encerramentos do jogo são as duas maneiras de se terminar o mundo irreal e voltar para a realidade do cotidiano, sendo que a desobediência deve ser punida com castigo e até a expulsão do causador, pois só assim se preservará a magia do jogo.

O poder de socialização dele está intimamente ligado às amizades das crianças e adulto jogador, pois só joga bola de gude quem gosta e a sensação permanente do jogo na memória do sujeito é que define quem vai participar sempre deste tipo de jogo. Só participa do jogo de futebol, quem gosta ou tem afinidades para desfrutar dele, esporadicamente um ou outro sujeito participam, mas o grupo se forma após vários contatos dos seus elementos. A capacidade de desempenhar um outro papel é que faz o jogo ser tão atraente. De tal forma que a transformação do sujeito no jogo supera as expectativas, fazendo de cada momento jogado um momento único, que, prazerosamente, será guardado em nossa memória.

Os bons e maus momentos do jogo também servem como contribuição para fazer este mundo estranho uma das formas mais apaixonantes do mundo irreal.

As relações do jogo e do prazer também são colocadas por Piaget (1975) como uma característica, da seguinte forma: "Pode-se reduzir o jogo a uma

busca de prazer, mas com a condição de conceber essa busca como subordinada, ela mesma, à assimilação do real ao EU. O prazer lúdico seria assim a expressão afetiva dessa assimilação". (p.191)

Huizinga (1980), resume as características formais do jogo da seguinte maneira:

Uma atividade livre, conscientemente tomada como 'não séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticado dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo, por meios de disfarces ou outros meio semelhantes. (p.16)

Enfim, estas características do jogo destacadas pelo autor acima, ilustram que as formações de grupos sociais comuns a um determinado jogo são determinadas pela verificação dos estímulos que este jogo representa para o grupo (positivo ou negativo), formando se positivo, hábitos em comum. Desta forma, o jogo demonstra seu poder de socialização dos indivíduos nas diversas classes que se apresentam em nossa sociedade.

2.4- Classificação dos jogos

Segundo PIAGET (1975), os jogos se classificam em três categorias distintas e se sucedem de acordo com o período de desenvolvimento do indivíduo. O jogo de exercício predominante no período sensório - motor; o jogo simbólico no período pré - operatório e o jogo de regras no período operatório-concreto.

O autor acima destaca que, o jogo de exercício ocorre na primeira infância durante os primeiros meses de vida do bebê. O girar da cabeça, o sorriso, o olhar para quem se aproxima, o balbuciar são expressões que mostram atividades de prazer no pequenino.

Dos dois anos até aproximadamente 6 anos, as crianças vivem predominantemente os jogos simbólicos e seguem rompendo limitações, representando, imitando, criando símbolos.

A criança pode tornar-se pai, professor, médico, tudo que sua imaginação oferecer naquele momento. O jogo simbólico possibilita a apropriação do mundo real para a constituição do seu próprio mundo. Ela exerce sua imaginação relacionando-se com pessoas e papéis reais da sociedade. Este tipo de simbologia contribui para que a criança vivencie a seu modo o mundo dos adultos, relacionando-o com o seu. Este tipo de diálogo entre os dois mundos transcende limites e reinventa a realidade, moldando o futuro indivíduo.

Em relação aos jogos de regras destacados por Piaget(1975), são atividades esportivas e jogos como de xadrez, cartas e damas, que precisam de um desenvolvimento cognitivo mais estruturado para os jogos realmente se efetivarem.

Ainda relacionados à classificação dos jogos, temos autores como Caillois (1990) que escreveram trabalhos relacionados com os jogos e sua classificação:

(...)Os jogos se classificam em quatro categorias, procurando estabelecer simultaneamente o critério dominante e definidor de qualquer jogo: competição (agôn), acaso (alea), simulacro ou disfarce (mimicry) e a vertigem (ilinx). Como se um pêndulo oscilasse entre os quatros, ter-se-ia, numa extremidade, a paedia correspondendo à improvisação livre ou fantasias sem controle e no outro extremo, o ludus, com regras, necessidade de maior esforço, empenho. (p.27)

O primeiro princípio citado pelo autor, na classificação dos jogos, é a agôn, que apresenta características para competição, a ambição pela vitória, conquista. Utilizam-se capacidades de resistência, vigor, força, velocidade, habilidade, memória, para chegar ao triunfo. Equipes e sujeitos adversários se enfrentam numa suposta possibilidade de oportunidades iguais, sendo esta construída mediante a obediência de regras comuns. Exemplo de agôn são os jogos desportivos como voleibol e futebol e também esportes individuais como judô, tênis e atletismo. Suas características são idênticas ao esporte atual, em que estas capacidades físicas são exploradas pelas modalidades esportivas com objetivo de

se alcançar alta performance, e na qual a vitória é procurada e exaltada, produto da sociedade capitalista, feita somente para os melhores.

Já o segundo princípio é a alea (acaso), o oposto do agôn, quando se espera a sorte como fator determinante do resultado. Trata-se de algo aleatório, no qual o embate não é travado diretamente com o parceiro ou adversário, mais sim com a possibilidade de ter mais sorte do que outro. Caillois (1990) tenta expor a igualdade de possibilidades entre os adversários, fazendo a seguinte afirmação:

A alea não tem por função proporcionar aos mais inteligentes o ganho de dinheiro, mas pelo contrário, abolir as superioridades naturais ou adquiridas dos indivíduos, a fim de colocar todos em pé de igualdade absoluta diante do cego veredicto da sorte.(p.38)

De acordo com a análise feita inicialmente, os jogadores ficam à mercê da sorte. Individual ou coletivamente a sorte chega ao que estiver mais perto. Exemplo disso são os jogos de loteria, dados e roleta.

Podemos observar que uma mesma situação de jogo pode atender aos princípios de agôn e da alea. Durante um jogo de futebol as funções exercidas pelos jogadores das equipes adversárias, bem como seus objetivos, serão classificadas como jogo de agôn. Já dois torcedores dos times que disputam a partida, fazem uma aposta em relação ao vencedor do embate, sendo que nestas circunstâncias, o jogo pode ser visto na categoria alea.

O terceiro princípio original colocado pelo autor acima é classificado de mímica (simulação) presença de ilusão, evidencia-se quando existe a construção de um mundo apartado do real. Nele, o personagem se transverte em um outro personagem. É comum a criança imitar o pai a mãe ou outro adulto com um médico ou professor. Podemos dar como exemplo os jogos de faz –de- conta no exercício de asas à imaginação e à fantasia, os quais são extremamente importantes na construção da aprendizagem da criança. Estes jogos podem ser comparados com os jogos simbólicos de Piaget (1975).

O quarto princípio classificado pelo autor é a llinix (vertigem). Apresenta-se como uma vertigem física ou psíquica. Sensação de perigo. Ex: pára-quedismo, alpinismo. São os esportes radicais, presentes atualmente nos jogos dos

adolescentes. Estes jogos têm a função de romper a monotonia, segundo os jovens, do dia-a-dia com aventuras que busquem liberar muita adrenalina.

Outro estudo feito em relação à classificação dos jogos se encontra no autor, Rosamilha (1979), baseado nos estudos de Wallon (1941) classifica os jogos infantis em: "jogos funcionais, jogos de ficção ou imitação, jogos de aquisição e jogos de fabricação".(p.49)

O jogo funcional trabalha com funções psicológicas emergentes, sejam tipicamente físicas, sensoriais ou como derivativos da tonicidade muscular. Aos poucos vão se incluindo as normas e regras. Ex: o jogo de bola, pega-pega. Os jogos de ficção ou de imitação delimitam-se pelas brincadeiras de papai e mamãe faz-de-conta. Nos jogos de aquisição, a criança desperta para novidades de seu mundo. Ex: televisão, discos. A criança olha, pergunta, escuta. E os jogos de fabricação que se caracterizam por combinar, cortar, modelar, desenhar.

Então, temos estas classificações feitas pelos autores pesquisados, jogos competitivos, os de ficção ou imitação, de aquisição e fabricação citadas por Rosamilha (1979), ou Agôn, Alea, Mímica, Ilinx citados por Caillois (1990) com as particularidades verificadas em determinado grupo de jogos, que podem ser utilizados como instrumento de adaptação e desenvolvimento da criança.

Estas classificações servem para identificarmos os tipos de jogos que são apresentados para as crianças pelos autores citados acima, observando que a maturação do ser humano, possivelmente determina que jogo pode ser utilizado. A classificação dos jogos busca sempre atrelar o grau de complexibilidade do jogo as fases de desenvolvimento da criança, buscando assim uma possível relação de prazer e satisfação com o jogo executado, pois como se portaria uma criança de 2 anos, jogando xadrez? Certamente o jogo serviria de instrumento para outras brincadeiras, nunca teria o rigor do jogo apresentado, a criança em idade para praticá-lo.

CAPÍTULO 3

PRORROGAÇÃO: JOGO E EDUCAÇÃO

3.1- O jogo e a educação através dos tempos.

Analisando a história do jogo e sua relação com o processo educativo da criança, observamos que os jogos sempre fizeram parte da vida do ser humano, desde o início de nossa civilização, mesmo que a história do esporte venha de datas mais recentes.

Segundo Marinho (1980) o jogo, valorizado como instrumento educativo oscilou através dos tempos, positivamente e negativamente, em decorrência principalmente das políticas educacionais vigentes. Em alguns momentos com muito brilho e em outros até com certa repugnância. Em alguns momentos apresentando-se em todas as camadas sociais e em outros momentos elitizado. No entanto, observa-se que o caráter autoritário do jogo aparece inserido no processo educacional. Mesmo em épocas em que diversos educadores buscavam o espaço do jogo nos processos educacionais vigentes, na prática as políticas dominadoras traziam para educação, do momento relações de autoritarismo e desigualdades sociais.

Atualmente, mesmo com a contribuição de estudos como de Freire (1989), que apontam o jogo como um importante instrumento pedagógico, a realidade é que ele se confunde com esporte, constantemente, na sociedade contemporânea. A própria competitividade que ocorre na vida comum das nossas culturas faz com que os benefícios do jogo sejam deixados de lado para se utilizar o esporte com cada vez mais constância, principalmente como conteúdo da Educação Física Escolar.

Analisar a importância do jogo na Educação Física Escolar faz com que se proceda à busca de suas relações de valor dentro do contexto da nossa civilização, avaliando suas passagens através da história humana, na busca de entendimento de suas características de forma de apresentação e utilização.

Elkonin (1998) comenta a utilização do jogo através dos tempos:

Muito antes que o jogo fosse objeto de pesquisas científicas, já vinha sendo empregado em grande escala como importantíssimo meio de educação infantil. O momento em que a educação passou a ser uma função social à parte data de muitos milênios, e a essa mesma Antigüidade remonta a utilização do jogo como meio de educação. Nos diversos sistemas pedagógicos concediam-se papéis diferentes ao jogo, mas nenhum deles o omitia.(p.397)

Falar do jogo através dos tempos exige pesquisa minuciosa, pois verificamos que a literatura não contém dados suficientes para um estudo mais profundo do histórico do jogo. Mesmo assim, procuramos em alguns autores referências para estruturar este estudo.

Segundo Marinho (1980) o homem selvagem desenvolvia atividades de subsistência como pescar, caçar, correr dos perigos. As crianças primitivas aprendiam cedo a manusear ferramentas, imprescindíveis para sua sobrevivência. Suas brincadeiras e jogos eram feitos com galhos e pedras fazendo uma imitação do trabalho dos adultos. Dependendo de suas relações sociais, mudavam-se as opções da criança.

Também Elkonin (1998) relata em seus estudos sobre os povos antigos, que eles buscavam os jogos principalmente entre os mais jovens, como atividade voltada ao aprendizado de tarefas da vida adulta.

Marinho (1980), cita os chineses como exemplo de civilização, que ensinava os jovens por meio de jogos:

...Os chineses, um dos povos mais antigos da humanidade, remontando em dados históricos mais ou menos 3.000 anos antes de Cristo, praticavam a luta, o arco e flecha, a esgrima de sabre, jogo de bola denominado tsu-chu, jogos sociais, caça e boxe chinês. Entre os Hindus temos como jogos mais difundidos o boxe, equitação, corridas, a caça, a natação.(p.32)

Já entre os egípcios, encontraram em suas pinturas nas paredes das tumbas e hipogeus, desenhos de suas atividades com jogos na infância e adolescência, observando a importância que esta antiga civilização demonstrou pelo jogo.

Pelas pinturas e desenhos encontrados nas paredes das tumbas e hipogeus, podemos reconstituir as atividades físicas que figuravam entre os costumes dos egípcios. Assim, os exercícios gênicos, o arco e flecha, a corrida, o salto, os arremessos, a equitação, a esgrima, a luta, o Boxe, a natação, o remo, as corridas de carros, ao lado das danças, traduzem a intensa exercitação física dos egípcios. (MARINHO, 1980, p.41)

Somente na Grécia antiga é que podemos encontrar as primeiras relações explícitas entre o jogo e a educação, obtendo pelos escritos, indícios de que o ser humano possuía, naquele momento da história, o conhecimento do valor dos jogos na formação do indivíduo. Os planos previstos por Platão para a educação de suas crianças e jovens incluíam o jogo como um dos elementos que, em conjunto com as atividades físicas e a música, encarregavam-se de estabelecer harmonia entre o corpo e a alma.

Costa (1997) ressalta a acentuada preocupação do povo grego com a educação e destaca a função e importância das atividades corporais competitivas para os jovens e adultos:

No início da civilização ocidental a Grécia distinguiu-se pela acentuada preocupação com a educação. O jovem grego deveria lutar e competir porque o juízo seguro e infalível acreditava-se ser formado através de atividades competitivas. A filosofia grega, impregnada de beleza, ratifica que os fins educacionais seriam a formação do homem integral e do guerreiro. (p.27)

Em seu plano educacional, Platão previa atenção especial aos jovens, sendo que dos 7 aos 16 anos as ginásticas e a música se encarregavam de estabelecer a harmonia do corpo e da alma. Segundo Rosamilha (1979). Platão se referiu aos jogos como valorosos e que até então eram ignorados nas cidades.

Kishimoto (1997) destaca a visão dos jogos na Antigüidade:

O jogo era visto como recreação desde a Antigüidade Greco-Romana aparece como relaxamento necessário a atividades que exigem esforço físico, intelectual e escolar. (Aristóteles, Tomás de Aquino, Sêneca, Sócrates). Por longo tempo, o jogo infantil fica limitado à recreação. (p.28)

Platão, porém, recomendava os jogos até os 6 anos de idade, para posteriormente estabelecer os jogos fixos, controlados pelo estado. As Olimpíadas, por exemplo.

Brougère (1998) comenta sobre um dos jogos praticados na Grécia:

Os jogos paidia constituem a mola fundamental da educação paideia que, na Grécia, não se limita à infância, mas prossegue durante toda a vida. É nos jogos, concursos e festas que o indivíduo adquire a virtude e recebe a forma conveniente. (p.41)

A educação grega valorizava o desenvolvimento do corpo e da alma, em que o jogo tinha um papel de destaque. Desde os primeiros anos até a idade adulta, eles eram vivenciados com grande freqüência, sendo que os Jogos Olímpicos eram o ápice deste povo em demonstrar sua expressão de prazer nestas competições. Há de ressaltar que segundo Marinho (1980), a Grécia foi modelo de sistema educacional, para todas as civilizações posteriores.

Percorrendo os mesmos caminhos, a educação romana buscava entre os mais jovens a utilização do jogo como forma de recreação, sendo que os adolescentes e adultos, assim como os Gregos, visualizavam as atividades físicas e os jogos competitivos como forma de encontrar um corpo belo, forte e guerreiro.

Segundo Marinho (1980) entre os Romanos os jogos também faziam parte da educação dos pequenos:

Até os 7 anos a criança permanecia sob os cuidados maternos; a partir desta idade, se a família era abastada, a sua educação se processava em casa com a ajuda de um preceptor. (...) Quando a família não dispunha de recursos para isso, a criança freqüentava escolas denominadas LUDUS, mantidas por particulares, que, mediante pagamento módico, se encarregavam de sua educação. A educação limitava-se a ensinar a ler, escrever e contar; os

exercícios físicos estavam representados por jogos e pequenas tarefas militares e agrícolas. (p.61)

Entre os jogos praticados pelas crianças romanas utilizadas até hoje, encontramos, por exemplo, a cobra cega, que aparece em quase todos os países, com algumas modificações, mas, no geral, com a mesma essência.

O autor acima ainda coloca que chegando a Idade Média, época caracterizada por grandes batalhas para conquistas de território inimigo, existia uma preocupação prioritária de formação de guerreiros. Também a Igreja começava a interceder de forma mais contundente nos processos políticos vigentes, fazendo do cristianismo uma forma de culto da alma em detrimento do corpo e de bens mundanos. Os exercícios físicos ocupavam lugar na preparação dos exércitos. Foram à época das grandes cruzadas e das guerras santas.

O jovem da época pouco utilizava o jogo, apenas as classes mais modestas tinham suas crianças e adolescentes praticando-a com mais assiduidade.

Costa (1997) nota a situação dos jogos e atividades físicas da época: “A utilização de atividades e jogos foram deturpadas e apareceram as justas e torneios, cujo objetivo eram o fortalecimento e enobrecimento do homem visando aptidão física, moral e espiritual para o combate”. (p.29)

Ainda, segundo a autora, neste período da história, surgiram os esportes como futebol (sem as características atuais) o tênis, a luta, a esgrima, a equitação todos praticados pela nobreza. Quanto aos servos, realizavam as atividades úteis à guerra como a escalada, a marcha, o arco e flecha, a corrida e os saltos. Os jogos simples e de pelota, bem como a caça e a pesca constituíam-se em divertimento acessível a todas as classes sociais.

Observa-se pelo apresentado em relação aos jogos na Idade Média, segundo Costa (1987), que dentro do aparecimento dos esportes e jogos coletivos, os jogos mais simples (aqueles que podiam representar alguma soma de conhecimento ao processo de desenvolvimento do indivíduo), eram utilizados apenas como forma de divertimento das camadas mais pobres.

Após um período de pouca atenção para o jogo como instrumento pedagógico na Idade Média, surge na Idade Moderna, a corrente humanista que recuperou a importância do jogo para a educação e conseqüente, para a Educação

Física, fazendo do período Renascentista o ponto de partida o resgate dos ideais Gregos, do cultivo do ser humano e o que seu corpo representa.

Com o Renascimento, segundo Marinho (1980), alguns precursores de uma educação que valorizava mais os jogos, e seus benefícios na educação da criança, começaram a propagar suas idéias em alguns pontos da Europa, mesmo com a resistência do autoritarismo educacional, vigente naquele momento da história. Enquanto na Itália e França, onde a educação pelo jogo encontrava cada vez mais simpatizantes, Rosamilha(1979) descreve a escola na Rússia, como odiada, temida, evitada, preterida pela infância em favor dos jogos, dos quais se procurava afastá-la.

Alguns filósofos da época também defendiam uma educação com a participação efetiva dos jogos, ressaltando sua importância. Podemos citar Rousseau, Froebel, Rebelais, Montaigne, Fénelon e Pestalozzi.

Froebel, influenciado por Rousseau e Pestalozzi, desenvolveu, segundo Rosamilha (1979), a sua clássica “A Educação do Homem”, que dava destaque ao jogo, como instrumento pedagógico na primeira infância. “Sua ênfase no papel do jogo, revelador das tendências infantis, estava ligada à certeza de que a primeira infância, com suas primeiras impressões marca profundamente o ser humano”. (p.19)

Também, Costa (1997), comenta este momento da nossa história: “... No Renascimento, a Educação Física e o esporte eram veiculados por meio de uma concepção idealista, tendo como referencial o ser humano e seu desenvolvimento integral”. (p.29)

Kishimoto(1997) também faz referências aos benefícios do jogo durante o Renascimento:

Ao atender necessidades infantis, o jogo infantil torna-se forma adequada para a aprendizagem dos conteúdos escolares. Assim, para se contrapor aos processos verbalistas de ensino, à palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos.(p.28)

Marinho(1980), cita entre os trabalhos de Fénelon a publicação do tratado sobre a educação dos jovens, no qual defende o ponto de vista de que a função do professor deveria consistir em tornar o ensino atraente e convencer os

alunos da sua utilidade. Para isso, François Fénelon destacava que: “O jogo deve ser ministrado com o ensino de maneira tal que não se possa distinguir um do outro (...) as crianças poderiam aprender todas as coisas simplesmente jogando”. (p.88)

Marinho (1980) observa ainda que Rousseau era favorável aos exercícios físicos e jogos como elemento de cultivo à inteligência: “pois um corpo débil e fraco não pode desenvolver um raciocínio hábil e sensato”. (p.89)

Dentro de toda está euforia, em relação ao jogo, paralelamente, surge na França a Educação Maternal. Brougère (1998) descreve a Educação Maternal Francesa, chamando-a na época de “Casa Asilo”, local onde o jogo era utilizado como importante instrumento educacional para o desenvolvimento moral e intelectual da criança. Esta importância, segundo os educadores da época, situava-se no contato que a criança deveria ter com os jogos nos primeiros anos de vida.

Brougère (1998, p.116) cita os estudos de Kergomard, em que coloca o jogo como o centro de sua pedagogia na escola maternal e comenta: *“O jogo é o trabalho da criança. Como uma atividade séria e formadora por si mesma: ela joga, e dizemos, não, ela trabalha para desenvolver-se conforme seu instinto”*.

Surgem os Jardins Fröberianos, inspirados no sucesso das casas de asilo, onde a liberdade da criança tinha maior relevância dentro do contexto escolar.

Brougère (1998) relata a importância dos jogos tanto nas casas asilo quanto nos jardins fröberianos:

Nas casas asilo, todo estudo, por mais árido que possa ser, é aparentemente apenas um jogo e, no entanto é admirável a ordem que preside esses jogos, exercita as crianças para a atenção, para a docilidade, aciona todas as faculdades positivas do espírito e do caráter, reprime e modifica todas as inclinações que devem ser combatidas. (p108).

Segundo o mesmo autor, os benefícios dos jogos e atividades físicas eram exaltados por renomados educadores de diversos países da Europa, entre eles, Quintiliano, Erasmo, Rabelais, Basedow.

Marinho (1980), destaca nos estudos de Vittorino da Feltre, na Itália, a utilização em sua escola “La Giocosa de Mantova”, dos jogos como elemento educativo, para fazer reviver as culturas gregas e romanas.

Outro estudo de Marinho (1980) encontra em Maffeo Feggio, publicação na época da obra “Educação da criança”, em que afirmava em relação à Educação Física:

... Os jovens devem ser exercitados para afugentar a preguiça do corpo. A ginástica deve apresentar a condição de não ser violenta. Além disso, será conveniente exercitá-los por meio de jogos que não sejam demasiadamente brandos nem muito fatigantes, mas, e, sobretudo, nunca indignos de um homem livre. (p.78)

Marinho (1980), destaca que na Inglaterra que o exercício natural e o jogo têm elementos fundamentais para o desenvolvimento da criança, ressaltando a satisfação que estas atividades proporcionam como principal elemento de motivação para a prática.

Marinho (1980), comenta, mesmo sem embasamento científico, o pensamento da época, em relação às diferenças entre as atividades físicas vigorosas e os jogos livres:

Os exercícios ginásticos além de serem inferiores aos jogos como quantidade de exercício muscular, ainda são inferiores como qualidade. A falta de relativa satisfação que nós apontamos como causa de abandono em pouco tempo dos exercícios artificiais, é também causa de inferioridade nos efeitos que produz sobre o sistema. (p.93)

O autor relata que o equilíbrio entre atividades mentais e corporais é o ponto de partida para uma satisfatória educação e destaca, ainda, que a falta de satisfação em fazer atividades físicas nos jogos, demonstra sua inferioridade como instrumento educacional.

E o autor continua colocando que aquela ginástica regrada, com movimentos previstos e sem espontaneidade, faz a grande diferença entre as atividades físicas e os jogos. Já na época do Romantismo, a aceitação do jogo como instrumento educacional tem sua importância também assegurada.

Segundo Kishimoto (1997), o jogo aparece como conduta típica e espontânea da criança. O autor comenta como educadores da época se situavam em relação ao jogo e a educação:

...No pensamento da época um novo lugar para a criança e seu jogo, tendo como representantes filósofos e educadores como JEAN PAUL RICHTER, HOFFMANN e FRÖBEL, que consideram o jogo como conduta prazerosa, espontâneo e livre instrumento de educação da pequena infância. (p.30)

Marinho(1980) buscou nos trabalhos de Pestalozzi a importância da Educação Física como elemento de suporte à educação de crianças e adolescentes.

O autor relata que para um desenvolvimento físico satisfatório a criança deve brincar, correr à vontade, jogar e dar livre expansão aos movimentos naturais, tão próprios dela que precisa descarregar a energia acumulada em seu organismo, mesmo sendo condenada pela educação da época, possuidora de um conceito de disciplina estruturado na imobilidade da criança.

Podemos observar pelas citações acima o número significativo de educadores de diferentes épocas que relacionavam os benefícios do jogo com o processo de desenvolvimento do indivíduo, a educação do corpo em sua totalidade. Mesmo com uma visão cartesiana, realidade do nosso passado, a relação jogo e educação, encontrava-se presente nos ideais destes estudiosos.

Marinho (1980) continua agora destacando a Idade Contemporânea, onde observei que a ginástica se constituía em atividade principal, sobrepondo-se em relação ao jogo, que fica como atividade recreativa para os primeiros anos de vida. Surgem, então, as grandes linhas doutrinárias, sendo que podemos relacionar como os principais movimentos doutrinários recebedores de influência política da época, o movimento germânico, sueco e francês, aliados posteriormente ao movimento desportivo inglês. Seus principais precursores, Basedow, Guts e Ling.

Castellani Filho (1988), fala do surgimento na Europa da educação física higienista, nos finais do século XVIII e início das primeiras décadas do século XIX, concebida como um agente de saneamento público, capaz de livrar a sociedade da proliferação de doenças e vícios ocasionados pelo início da urbanização e industrialização.

Na visão de alguns estudiosos, apesar de sua fragilidade em termos educacionais, esse processo de “medicalização” da Educação Física ainda apresenta alguma repercussão nos dias de hoje. A meta a se alcançar, com a Educação Física Escolar da época foi o trabalho com ginástica programada para a aptidão física e competição, sendo que os jogos eram trabalhados com menos importância, pois os exercícios utilitários eram classificados como indispensáveis em países da Europa.

Posteriormente, graças à influência do movimento político com a implantação do Estado Novo na década de 30, Marinho (1980) comenta que, o setor educacional passou por inúmeras reformas provocando profundas modificações nos currículos desenvolvidos nas escolas. Surge, então, a tendência militar nos programas de Educação Física Escolar, que além da assepsia corporal passou a privilegiar também uma tendência de eugenia da raça, marginalizando aqueles jovens menos capazes fisicamente.

Dessa forma, os professores de educação física passaram a orientar suas atividades dentro de uma filosofia de “militarização” institucionalizando seu papel pouco educativo dentro da estrutura escolar. Esse papel foi importante para o projeto brasileiro determinado pelos militares, que privilegiava o desenvolvimento da aptidão física e o desporto.

Procurava-se com estas duas características, primeiramente direcionar força de trabalho para a classe trabalhadora e saúde da população em geral, e com o desporto, elevar o nome do Brasil como potência, desenvolvida diante da visão esportiva mundial. Em 1851, D. Pedro já tornava obrigatória nas escolas as aulas de Educação Física, porém, na prática elas eram inexistentes.

Castellani Filho (1988) destaca o parecer de RUI BARBOSA em 1882 ao Projeto n.º 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto 7.247 de 19 de Abril de 1879, da Instrução Pública, denominado “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública”, defendendo a inclusão da ginástica e jogos nas escolas e a equiparação dos professores de educação física aos das outras disciplinas, e ainda a importância da Educação Física na eugenia da raça brasileira. (p.43)

A Educação Física Escolar predominavam os exercícios ginásticos, e os jogos eram em forma de competição. No final do Império foi recomendada às

escolas a utilização da ginástica alemã. Esta ginástica já vinha sendo utilizada oficialmente pelos militares, para prática das atividades físicas, no Exército.

Segundo Marinho(1980) a adoção do método alemão pelos militares, perdurou até a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial.

Com a chegada ao Brasil, em 1911, da missão militar francesa, o referido método perdeu seu caráter oficial, vindo a ser substituído em 1921 pelo Método Francês, originário de Joinville-le-Point e que se firmava nos princípios biológicos.

Ainda segundo o autor, no final da década de 40, com o fim da segunda Guerra Mundial e com o novo discurso liberal da escola-nova, surgiu à tendência bio-psico-social, sendo este o início do ingresso da educação física no âmbito da pedagogia e consolidando-a como instrumento educacional efetivo enquanto disciplina, junto à instituição escolar, destacando o valor educativo do jogo.

A introdução dos ideais pedagógicos no campo da educação física, o reconhecimento desta como um dos meios de educação, o fato de considerar que o ser humano educado não é somente aquele que é culto nas esferas cognitivas e afetivas, mas também no campo físico, fizeram com que os professores começassem a substituir as concepções mecanicistas utilizadas em sua prática. A pedagogia do jogo educativo buscava dentro de uma concepção humanista desenvolver o indivíduo de forma global.

Assim como o setor militar tentou suplantar o setor médico em movimentos anteriores, com a tendência bio-psico-social foram os pedagogos que procuraram tomar o lugar dos militares.

Betti (1991) cita a década de 40 e o valor educativo do jogo, a partir precisamente de 1946, quando os estudiosos da Educação Física destacavam o valor do jogo educativo, no processo de desenvolvimento do indivíduo. Sendo assim, o espaço entre a Educação Física e o esporte, ficou cada vez menor, em razão de prevalecer na época o método desportivo generalizado, com ginásticas exaustivas e obrigatórias. Começam a ser valorizados os jogos, por serem atividades que são praticadas com prazer pelos alunos.

Saladini (1999) comenta este momento dos jogos na Educação Física:

(...) podemos afirmar que os jogos resumiam-se aos esportivos e aqueles atualmente conhecidos por pré-desportivos, ou seja, os jogos eram utilizados com o intuito de preparar os alunos, de educá-los para a prática de modalidades esportivas, tendo como objetivo maior à formação e a preparação do indivíduo para a vida. (p.77)

A partir dos meados dos anos 50 até ser sancionada a lei 4024/61, aconteceu a introdução progressiva do esporte nos pátios das escolas, quando começou a ocupar sistematicamente os conteúdos nas aulas de Educação Física.

Nos anos 70, provavelmente influenciados pelo sucesso alcançado por algumas equipes nacionais em competições internacionais, o esporte passou a se caracterizar como uma atividade de grande importância na Educação Física Escolar, fazendo com que as atenções dos professores se voltassem quase que exclusivamente para as vantagens da prática esportiva. O sistema militar passou a compor a tecno - burocracia imposta à área educacional.

Segundo Betti (1991), o esporte era utilizado nos programas de educação física escolar com o intuito de oferecer estímulos que procurassem levar os educandos a atingirem os critérios de desempenho atlético, com a idéia de que a competência esportiva poderia auxiliar na formação dos atletas através do incentivo à prática de esportes.

A forma de enaltecimento à competição e a superação individual passam a ser fatores necessários para a formação do atleta - herói e também são utilizados como instrumento de desmobilização dos movimentos de contestação social.

O jogo passa a ser altamente competitivo, visando resultados expressivos. O ensino médio e superior começam a ser compreendidos como celeiro para formação de atletas de alto nível.

Já segundo Pcms (1997) no ano de 1971, foram sancionadas as leis 5540/68 e 5692/71, determinando instrumentalização necessária para as práticas pedagógicas vigentes naquele momento, em que o esporte ocupava o espaço das aulas de Educação Física.

As leis sancionadas estabeleciam em seus referidos textos, ao se reportarem à Educação Física, como uma atividade prática, voltada para o desempenho técnico e físico do aluno, deixando a reflexão teórica para outras

disciplinas. As palavras de ordem para a “educação do físico”, eram ordem, aptidão física, produtividade, eficiência e eficácia, sem sistematização e conhecimento fisiológico necessário, tornando-se uma experiência limitada em si mesma.

Com a regulamentação do Decreto 69450/71, a Educação Física Escolar incorporou o conceito bio-psico-social, mantendo a ênfase na aptidão física.

Neste Decreto, a Educação Física é dimensionada como uma atividade que por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora o físico, a moral, o civismo, e o aspecto psico-social da criança e do adolescente, referenciando fundamentalmente para o planejamento, controle e avaliação das aulas de Educação Física, a aptidão física e o esporte de alto rendimento. O jogo tem seu espaço reduzido, em relação ao esporte de alto rendimento, mesmo sendo um instrumento pedagógico já reconhecido por diversos educadores citados anteriormente neste trabalho.

O método ginástico Francês que fora substituído pelo Método Desportivo Generalizado, são deixados de lado. O caráter mecanicista da Educação Física ajustou-se plenamente aos parâmetros exigidos pela nova ordem social, através da efetivação da prática esportiva em âmbito escolar.

Segundo Betti (1991, p.161), “... aptidão física como sustentáculo do desenvolvimento, espírito de competição, coesão nacional e social, promoção externa do país, senso moral e cívico, senso de ordem e disciplina”.

Com o discurso pedagógico direcionado para o esporte de alto nível, a metodologia empregada se procedia com a utilização dos atos autoritários, irrefletidos, reprodutores, com filas, exercícios de ordem unida, marchas, regras rígidas e manifestações cívicas.

Ainda segundo o autor acima, a utilização deste conteúdo nas aulas, fez com que o professor de Educação Física se valorizasse, por seus resultados positivos eram interpretados como prova de competência. O valor educativo do esporte fazia parte do discurso educacional, porém dentro de uma postura irrefletida e indiscriminada. Estabelece-se nas escolas as “turmas de treinamento” a partir da 5ª série, voltadas para os melhores, aqueles que participariam dos campeonatos, jogos competitivos, promovidos pelos Municípios e Estado.

Estas medidas colocaram dentro do conteúdo das aulas de Educação Física, a discriminação nas aulas. Somente os melhores eram foco das atenções, sendo que os outros alunos eram contemplados com as tradicionais aulas

de ginástica, que em momentos esporádicos utilizava algum tipo de jogo, exercícios de fundamentos esportivos, sempre com a intenção de busca de novos talentos.

A legislação fez com que o jogo dentro do contexto pedagógico se transformasse em esporte de alto rendimento, estabelecendo competição, concorrência, diferenciação de classes (bons e os ruins), descriminando todo o processo formativo do indivíduo através das atividades físicas.

Segundo Betti (1991) a partir dos anos 80, a Educação Física se coloca como revolucionária, representando a tendência emergente preocupada com a realidade dinamicamente e dentro de sua totalidade, dimensionar os problemas existentes na Educação Física da época, através de uma consciência transitiva crítica, identificando causas destes problemas.

Seria a transição de uma consciência crítica do esporte praticado naquele momento na escola, em relação ao apelo de educadores para práticas de atividades pedagógicas melhor estruturadas na Educação Física Escolar.

Tubino (1992) contribui para esta mudança paradigmática geral do esporte a partir de 1979, com a edição da Carta Internacional de Educação Física e Esporte, em que o paradigma esportivo que tinha como perspectiva apenas o alto rendimento, e a busca da performance, começa a ser seriamente questionado, colocando uma nova ótica sobre o jogo e o esporte como conteúdo pedagógico Escolar.

O autor acima coloca que as questões focalizadas, naquele momento da história, buscavam uma preocupação com as bases epistemológicas da Educação Física, em que diversos educadores discutiam qual a identidade e atuação desta disciplina dentro do contexto da escola e da sociedade.

Os conteúdos da Educação Física Escolar, nos quais o jogo está inserido, sofriam críticas sobre sua apresentação no contexto escolar. O enfoque do jogo a partir dos anos 80, tem a busca de uma visão pedagógica ampla, dimensionado para a instrumentalização do professor, no caminho de uma maior contribuição na formação cognitiva, motora, afetiva e social das crianças.

Betti (1991) embasado em documentação sobre Educação Física, relacionada ao II Congresso Estadual de Educação, SP – 1983, destaca a falta de consciência dos professores de Educação Física sobre a manipulação exercida pelas forças políticas e como sua profissão tem levado a Educação Física a incorporar a prática esportiva de forma irrefletida, sem considerar as características

pedagógicas das atividades físicas no contexto escolar, para servir como instrumento de uma educação voltada para o desenvolvimento global do educando. A superação da competição implicaria em dimensionar o cooperativismo entre os alunos com propostas pedagógicas que beneficiassem a maioria dos alunos da classe.

Chegando nos anos 90 temos entre outras contribuições para o desenvolvimento da Educação Física Escolar os trabalhos relacionados à cultura corporal editado em 1992, 1994 e 1996, sob o título de Metodologia do Ensino de Educação Física (Coletivo de Autores) que foi assinado por: Carmem Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Michel Escobar, Valter Bracht e Lino Castellani Filho.

Estes autores buscavam, dentro de uma proposta pedagógica crítico superadora, argumentar a metodologia e conteúdos presentes no contexto da Educação Física Escolar. A busca deste conteúdo, dentro das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Pcns, 1997, p.25), propõe a Educação Física como uma cultura corporal: “Os conteúdos da Educação Física são produções culturais, como conhecimento historicamente acumulado e socialmente transmitido”.

Podemos entender o conteúdo, como o que a sociedade detém de conhecimento e sua exposição aos alunos, pelo professor, um processo pedagógico. O objetivo dos conteúdos é possibilitar uma melhor compreensão da realidade vivida no momento histórico-social.

Luckesi (1991, p.122) visualiza o conhecimento como, “(...) aquilo que adquirimos nos livros, nas aulas, nas conversas, mas com o objetivo de alcançar o entendimento da realidade (...) é a elucidação da realidade”.

A Educação Física Escolar deveria ter um compromisso com a construção de conhecimentos adquiridos historicamente pela comunidade, de suas práticas corporais e produção no relacionamento político-social vigente. Logo, como identificar qual o melhor conteúdo para as aulas de Educação Física?

Castellani Filho (1998) faz considerações sobre a discussão da cultura corporal como conteúdo da Educação Física:

Integrante da cultura do homem e da mulher brasileiros, a cultura corporal constitui-se como uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais, tais como a dança, o

jogo, a ginástica, o esporte que, por sua vez, materializam-se, ganham forma, através das práticas corporais. Enquanto práticas sociais refletem a atividade produtiva humana de buscar respostas às suas necessidades. Compete, assim, à Educação Física, dar tratamento pedagógico aos temas da cultura corporal, reconhecendo-os como dotados de significado e sentido porquanto construídos historicamente. (p.54)

Portanto, a cultura corporal descrita pelo autor, busca o envolvimento de toda a complexibilidade da máquina humana nas atividades propostas para uma formação global, como já colocamos anteriormente. Educação Física Escolar deverá ter um conteúdo que busque este processo pedagógico, formando o indivíduo para a sociedade. O profissional de Educação Física deve estar atento no momento de estruturar e por em prática estes conteúdos.

A dança, o jogo, a ginástica, o esporte e as lutas os quais foram elaborados na construção da história da humanidade são formas encontradas para demonstrar pensamentos, sentimentos, conflitos, festas, desafios, entre outros que sempre permearam as relações sociais.

Apesar de entrarmos no século XXI e diversos educadores buscarem no jogo um instrumento primordial na formação do indivíduo, parece que a tendência para a competição exacerbada permanece, norteando o agir pedagógico da maioria dos professores, até hoje.

Os diferentes segmentos da nossa sociedade traduzem a Educação Física como o esporte rendimento e não nos causam constrangimento em apontar os próprios professores da área como um dos responsáveis pelas práticas competitivas. O esporte fica assim sendo utilizado como um fim em si mesmo, para as aulas de Educação Física, deixando o jogo longe de ser apresentado com toda a sua dimensão.

Sendo o jogo, o esporte da criança, permanece a responsabilidade para o professor de estruturar um conteúdo pedagógico, prazeroso e que de motivação na sua prática, fazendo com que jogo e esporte que tem tantos pontos em comum não se confundam entre si.

3.2- O jogo e sua importância no mundo infantil

Kunz (1994) fala da importância do jogo: “Ninguém contesta a importância e valor social, cultural e pedagógico da brincadeira e do jogo para a criança e adolescente”. (p.87)

O jogo vem através da história da humanidade sendo caracterizado de acordo com o momento vivido pela civilização que o utilizava, porém na maioria das vezes foi utilizado como recreação na infância e jogos competitivos na adolescência em diante.

Kishimoto (1997) lembra que,... “Enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui”. (p.17)

Atualmente o jogo contemporâneo busca um resgate do seu valor como instrumento pedagógico na formação global do indivíduo. Segundo Freire (1989), quando utilizamos o jogo para ensinar conteúdos às crianças, ele fica bastante perto da condição de trabalho. Neste caso, o jogo foi transformado em instrumento pedagógico, ou seja, o jogo é utilizado como um meio para que o professor consiga ensinar algo para o aluno e não como um fim em si mesmo.

Freire (1989) também destaca que a utilização do jogo deve começar desde a pré-escola:

Não creio que a Educação física e o jogo sejam a única solução para os problemas pedagógicos, mas diante das características da criança na primeira infância, não há pôr que não valorizá-los. Se o contexto for significativo para a criança, o jogo, como qualquer outro recurso pedagógico, tem conseqüências importantes em seu desenvolvimento. (p.21)

O autor acima, ainda comenta o valor do jogo na primeira infância, e que a criança encontra no seu convívio social e familiar um histórico de significados e valores no seu movimentar-se.

Estes significados devem ser incorporados pela escola. A Educação Física Escolar deve buscar na prática reconhecer e redimensionar estes significados, ampliando assim o conhecimento geral dos seus alunos. Subir em árvore, correr, pular, rolar são movimentos que não precisam de escola para ser desenvolvidos, a

criança por si só constrói culturalmente estas realidades. Cabe a escola ampliar este repertório de movimentos com jogos educativos, onde as crianças continuem obtendo prazer e satisfação em realizá-los.

O autor continua seu raciocínio, observando que os movimentos adquiridos empiricamente pelas crianças, posteriormente podem ser redimensionados, pela escola, como a forma correta de desenvolvimento pelo jogo. Ele não acredita na padronização de movimentos, pois para acreditar nesta padronização deveria acreditar que o mundo é padronizado. A liberdade de movimentos torna-se necessária para o desenvolvimento global da criança e do adolescente.

(...) não acredito na existência de padrões de movimento, pois, para tanto, teria que acreditar também na padronização do mundo. Constatando, isso sim, a manifestação de esquemas motores, isto é, de organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, em cada situação, construções essas que dependem, tanto dos recursos biológicos e psicológicos de cada pessoa, quanto das condições do meio ambiente em que ela vive. (FREIRE, 1989, p.23).

O autor defende que os recursos motores, cognitivos, sociais e afetivos são enriquecidos toda a vez que a criança desfruta de liberdade em suas atividades. A padronização do movimento limita suas ações e faz com que seu repertório motor seja pouco estimulado.

A utilização do jogo como instrumento pedagógico, na formação motora, cognitiva e afetiva da criança, faz com que o mesmo seja um elemento imprescindível em todos os níveis escolares. Seu conteúdo bem elaborado soma-se para que o jogo incida nos processos políticos, sociais e científicos, formando a criança como um ser reflexivo, apto a ser inserido na sociedade. (BRACHT, 1986, p.62).

Mesmo não sendo objeto principal de estudo, buscamos identificar os aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos, da criança, para reconhecer os benefícios do jogo inserido em cada um. Observando que o trabalho proposto abrange crianças na faixa etária de aproximadamente 6 anos até 11 anos que estão matriculados da 5.^a a 8.^a séries das escolas públicas do município de Araçatuba/SP, desenvolvi uma pesquisa relativa ao desenvolvimento global da criança desde a tenra idade.

Dentro dos esquemas motores desenvolvidos pelas crianças desde seu nascimento verifiquei em Freire (1989) o aspecto do primeiro ato de habilidade motora da criança, que é o sugar o leite materno do seio da mãe.

O autor destaca que o sugar é muito mais que alimento, é a ingestão de afeto, fonte de sociabilização da cognição, da motricidade humana.

Posteriormente a criança passa da fase do automatismo, em que o sugar e movimentar pernas e braços são automáticos e se somam aos movimentos intencionais, em que existe um maior amadurecimento cerebral. Nesta fase não depende apenas de estímulo para a criança fazer o movimento, depende de seu desejo em realizá-lo. Logo a criança está pronta para novos esquemas motores adicionados aos já existentes. Ela já pode saltar, girar correr, bater etc...

Freire (1989) destaca o desenvolvimento do aspecto motor da criança:

Quanto ao aspecto motor, os esquemas já construídos continuarão a se desenvolver em termos qualitativos: novos arranjos, novas combinações se processam entre eles, e o que vemos é uma criança que corre mais veloz salta mais longe, tem mais equilíbrio, manipula os objetos de forma mais refinada, e assim por diante. Isso se tudo correr bem, se não ocorrerem às infelicidades que contemplam as classes sociais de baixa renda e aquelas que acometem as crianças que podem se movimentar livremente porque não tem espaço, atenção, estímulo, carinho.(p.37)

Posteriormente, de acordo com Freire (1989), a criança amadurece e atinge a fase em que pode diversificar ainda mais suas atividades motoras, porém sem saber seu significado. Nesta fase, ela não depende apenas da soma de recursos motores, mais sim do entendimento destes. Surge o simbolismo. Ele pode representar mentalmente qualquer ação que realize.

É quando, a criança depende do entendimento do seu ato motor para satisfazê-la, sendo os símbolos representados em suas fantasias, seu maior aliado. Surge a linguagem, em que a criança interage com outros seres, sendo que nesta fase a fala é fundamental, segundo o autor, não só para estruturação de um nível cada vez mais elevado de pensamento, mas mesmo para a estruturação de outros atos motores.

Posso observar que cada vez mais se vai realizando uma fusão dos aspectos que correspondem ao desenvolvimento da criança, formando assim uma atividade corporal ao invés de determinados aspectos isolados.

O autor citado, ainda ressalva a necessidade da compreensão de que, além dos aspectos de evolução da criança serem interligados, as fases de desenvolvimento, caracterizadas na criança, também não são estanques, onde acaba uma fase e começa outra, ou a maturação individual como também o momento histórico-social de nossa civilização podem diferenciar em tempos futuros tais comportamentos.

O desenvolvimento cognitivo e motor da criança têm dentro do brinquedo e posteriormente no jogo, interações que buscam um desenvolvimento destes aspectos em uma fusão corporal, quando um se relaciona intimamente um com o outro. Neste período concluímos ser de fundamental importância a utilização do jogo para o desenvolvimento da criança, pois é o momento dela criar, recriar através do jogo, liberando suas fantasias, amadurecendo suas emoções. Seus movimentos buscam a construção de outros mais complexos e sua linguagem interage com todos estes aspectos, despertando um raciocínio cada vez mais apurado.

Quanto ao aspecto social devemos destacar que ele depende de estruturas sociais bem elaboradas para que existam resultados positivos dentro do processo pedagógico da criança.

Bracht (1986) comenta esta dimensão do jogo, segundo o aspecto social:

O desenvolvimento social da criança não é natural como seu desenvolvimento, e nem estimulado por outros processos fragmentados como aptidão física. A socialização da criança pelo esporte deve respeitar sua condição histórico-social, político. (p.66)

Freire (1989) comenta que os primeiros indícios de socialização da criança são marcados pela reprodução de certas ações representadas pelos brinquedos, mas que não devem ser confundidas com regras. Posteriormente a

construção de regras vem com a própria sociedade que as determinando e levando as crianças reproduzirem em seus brinquedos e jogos.

Nos aspectos da socialização e do afetivo, também citados anteriormente temos a figura do professor na escola, ou o próprio pai e mãe como elementos imprescindíveis no desenvolvimento saudável da criança.

Posso avaliar, após pesquisas em diversos autores, que a criança tem dentro de seu brinquedo na primeira infância e posteriormente no jogo, regras pré-determinadas pela sociedade, que podem interferir no seu desenvolvimento.

Freire (1989) comenta que, "(...) na pré-escola, vemos com freqüência crianças brincando e usando tais regras, porém, de acordo com uma conotação muito particular, e não para regular as relações com os outros". (p.162)

Um exemplo de regra mal estabelecido pela escola é dado pelo autor acima, quando ele faz crítica a postura das crianças na sala de aula. A criança vem da liberdade da casa e da rua e esbarra na falta de movimento da escola, onde para ela aprender, deve ficar sentada imóvel, sem falar, situações segundo o autor, impróprias pela própria natureza do ser humano.

Uma forma de socializar as crianças, seguindo pensamento do autor, seria a condução das crianças ao entendimento das regras estabelecidas socialmente, quando não se apresenta um autoritarismo diante de um fato, mais sim se busca a construção ou entendimento do mesmo. Em relação aos jogos, dentro do âmbito escolar, o professor deve oferecer condições para que as crianças estabeleçam ou modifiquem estas regras.

Quanto à afetividade verificamos que como a socialização, devemos ter sensibilidade com o trato de crianças e adolescentes. Freire (1989) comenta que falta um melhor preparo dos professores para lidar com a afetividade. O professor, além de ter uma metodologia adequada para lidar com os problemas a que estarão expostas, todas as vezes que se propuser atividades que desenvolvam estes aspectos, deve atentar para que exista uma interação do professor/aluno, aluno/aluno.

Qualquer que seja a atividade proposta pelo professor ou escolhida pelas crianças, num espaço de autonomia, haverá sempre motivo para que as regras sejam construídas e

praticadas, isto é, para o estabelecimento de normas que regulem as relações do grupo. (FREIRE, 1989, p.164).

Uma proposta positiva seria, segundo Bracht (1986) um redirecionamento dos métodos e conteúdos, em que se busque uma participação do aluno no planejamento das aulas, o incentivo nas modificações dos jogos, onde o aluno crie e recrie, situações vivenciadas por ele e seu grupo durante as aulas.

Freire (1989) destaca este pensamento:

Num contexto de educação escolar, o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças aproxima-se muito do trabalho. Não se trata de um jogo qualquer, mas sim de um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino. Essas considerações são necessárias para que as atividades de Educação Física não sejam entendidas, especialmente quando se trata de jogos, como algo descomprometido com a formação do aluno para cumprir seu papel social de criança e, mais tarde, de adulto.(p.119)

Fazer uma proposta onde o futebol utilize seu status conquistado face sua apresentação como esporte profissional, para posteriormente levá-lo para a escola, transformado em jogo, não é tarefa fácil para se estabelecer, culturalmente, dentro da nossa sociedade.

Sua orientação como prática de atividade física coletiva, instrumentalizado pedagogicamente, é o objetivo deste trabalho, o futebol na escola deve ser utilizado como jogo. Desta maneira o mesmo deve ser fundamentado em princípios pedagógicos coerentes e estruturado dentro de padrões educativos para a criança e o adolescente.

CAPÍTULO 4

MORTE SÚBITA: A PESQUISA

Na sociedade contemporânea, a formação do indivíduo vem sendo estruturada de exigências cada vez maiores para enfrentar os desafios que o mundo moderno impõe.

A escola, enquanto um dos espaços sociais e educativo principais da nossa cultura e responsável direta por esta formação, tem a função de promover a aquisição/construção de conhecimentos, habilidades e atitudes capacitadoras destes indivíduos para enfrentar os desafios da modernidade.

No conjunto de áreas de conhecimento veiculadas pela escola, a Educação Física tem papel relevante na construção do indivíduo, buscando através de atividades físicas o desenvolvimento global da criança e adolescente. Ela deve oportunizar experiências de aprendizagem significativas, executadas pela prática de atividades socialmente construídas como a dança, o jogo, a ginástica, os esportes, etc... e de todas as manifestações culturais circunscritas a ela. Desta forma contribuirá para o desenvolvimento pleno dos alunos, dando condições para que eles se capacitem e estruturem suas ações por meio da própria corporeidade, na relação consigo e com os outros num processo de humanização.

Para que sejam concretizados estes objetivos, os conteúdos das aulas de Educação Física devem ser elaborados de maneira que os alunos tenham motivação necessária para uma prática prazerosa e saudável, atingindo assim as propostas pedagógicas destes conteúdos, cujo instrumento mais utilizado é o esporte. Porém sua utilização se dá como um fim em si mesmo e não como um meio para se buscar a formação do indivíduo, apresentando ainda a agravante de que já existe uma cultura do esporte visualizado como elemento de ascensão social (quem joga melhor, tem mais status) e pode ganhar dinheiro com isso. Assim é

apresentada esta atividade na escola, de uma forma padronizada e com efeitos negativos para a grande maioria de alunos que o praticam.

Dentre as atividades físicas mais populares entre nosso povo e por conseqüência o mais praticado, temos o futebol. Sua propagação pela mídia faz a modalidade apresentar uma conotação amplamente voltada para o esporte de alto rendimento e também com que seus princípios não apresentem pressupostos pedagógicos orientados para uma formação global da criança e adolescente, sendo que em várias situações apresentam aspectos negativos, já atendidos neste trabalho. Todos os brasileiros sabem da força que o futebol tem dentro de nossa cultura esportiva. Sua prática entre crianças e adolescentes supera todos os outros esportes juntos, portanto, a motivação para prática de atividades motoras é de fácil indução.

Fazer com que esta prática seja saudável e tenha significância no processo de desenvolvimento do indivíduo leva o professor a ministrar seu conteúdo de forma a ter o futebol como instrumento pedagógico. O futebol na escola deve ser uma atividade caracterizada em jogo, para assim atingir os objetivos pedagógicos propostos.

4.1 - Universo da pesquisa

Após pesquisa bibliográfica referente à utilização do futebol no contexto escolar e a verificação que o mesmo pode ser um importante instrumento pedagógico se estruturado de maneira adequada, busco com estas conclusões, verificar como se utiliza o futebol inserido no conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, no município de Araçatuba/SP, mediante a pesquisa realizada junto aos professores presentes à frente das escolas públicas de 5.^a a 8.^a séries, para posteriormente nos direcionar a uma análise desta atividade no município.

Quanto ao instrumento escolhido para a coleta de dados, o questionário, Negrine (1999) considera que:

Quando utilizamos o questionário como único elemento na coleta de informações de um determinado estudo, é fundamental que sejam definidas previamente algumas categorias de análise, para garantir uma certa coerência interna do estudo. Nesse caso, é fundamental que as perguntas

encaminhem-se nessa direção e estejam ajustadas ao problema e aos objetivos do estudo. (p.81)

A pesquisa participante foi realizada com a elaboração e aplicação do instrumento de pesquisa, com os professores que trabalham nas escolas e séries acima citadas, com perguntas abertas e fechadas de corte transversal apresentando um cunho qualitativo, que posteriormente foi analisado tendo sido criadas categorias em função das respostas dos professores.

4.2- População, amostra.

O questionário foi feito com os professores de Educação Física efetivos do quadro Estadual de Educação. De acordo com a Delegacia de Ensino de Araçatuba, no município existem 19 (dezenove) escolas de ensino fundamental, apresentando um total de 26 (vinte e seis) professores efetivos de Educação Física. Excluímos dela 6 (seis) professores que não responderam às perguntas, alegando que não existem em suas escolas locais adequados para a prática de atividades motoras, ou por motivos não explicados, mesmo após o primeiro contato ter colocado que na pesquisa não seriam identificados seu nome e escola.

4.3 – Protocolo

Minha aproximação foi feita diretamente na escola após contato anterior por telefone com o professor. Posteriormente, mantivemos contato pessoal e explicamos o objetivo do trabalho. O local da entrevista foi a própria escola em que o professor leciona.

Na pesquisa com os outros 20 (vinte) professores, analisei a predisposição dos participantes dela, identificada na análise de suas opiniões escritas sobre o futebol como conteúdo da Educação Física Escolar, para posteriormente elegermos 15 (quinze) indivíduos sob o seguinte critério, apartes dos textos elaborados:

- Textos que exprimissem maior riqueza de idéias de onde se pudessem retirar atitudes de forma mais consistentes;

- Textos onde aparecessem os componentes dos enunciados avaliativos, fundamentais ao desenvolvimento de análise, a saber: os objetos de atitude, os termos avaliativos com significação comum e os conectores verbais.

O questionário foi baseado nas seguintes perguntas:

- Sexo:
 - Idade:
 - Tempo de serviço:
(como professor na rede pública estadual de Araçatuba/SP)
1. O Futebol, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, é importante nas aulas de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental? Sim/Não. Por quê?
 2. O Futebol, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, colabora no processo de desenvolvimento do aluno de 5ª à 8ª séries? Sim/Não. Por quê?
 3. Você trabalha com Futebol em suas aulas de Educação Física? Sim/Não. Por quê?
 4. Em quais séries você utiliza o Futebol como conteúdo de suas aulas?
 5. Com que regularidade você trabalha com Futebol nas aulas de Educação Física? (durante a aula ou por série)
 6. Como você trabalha o Futebol com seus alunos? (treinos) Desenvolva a forma de trabalho das aulas por séries:
 7. Todos os seus alunos participam da aula quando é Futebol? Se não, por quê?
 8. Há diferença na prática do Futebol entre meninas e meninos?

9. Anote essas 3 palavras: Futebol – Aprendizagem – Escola. Para você, como educador, o que elas representam em relação ao assunto abordado?

10. Na escola, o Futebol é um esporte ou um jogo para você?

4.4 - Resultados

Pergunta 1:

- O Futebol, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, é importante nas aulas de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental? Sim/Não. Por quê?

Respostas:

- Participante 1 - Sexo feminino, 38 anos – 15 anos de serviços no Estado. Sim, o futebol é tão importante quanto o futsal ou outras modalidades esportivas, como voleibol e basquetebol.
- Participante 2 - Sexo feminino, 43 anos – 18 anos de serviços no Estado. Sim, assim como qualquer outra modalidade. É a fase que o aluno inicia a prática desportiva.
- Participante 3 - Sexo masculino, 52 anos – 27 anos de serviços no Estado. Sim, porque a maioria dos alunos gosta.
- Participante 4 - Sexo feminino, 40 anos – 14 anos de serviços no Estado. Sim, porque desenvolve habilidades físicas dos alunos.
- Participante 5 - Sexo masculino, 39 anos – 03 anos de serviços no Estado. Sim, porque os alunos adoram Futebol.
- Participante 6 - Sexo feminino, 41 anos – 17 anos de serviços no Estado. Sim, porque é um esporte universal.
- Participante 7 - Sexo masculino, 43 anos – 10 anos de serviços no Estado. Sim, o Futebol é o esporte mais popular e de maior aceitação entre os alunos de qualquer idade.
- Participante 8 - Sexo masculino, 39 anos – 11 anos de serviços no Estado. Sim, porque é um esporte admirado por todos.

- Participante 9 - Sexo feminino, 37 anos – 15 anos de serviços no Estado.
Sim, porque todos gostam.
- Participante 10 - Sexo masculino, 32 anos – 10 anos de serviços no Estado.
Sim, porque colabora como conteúdo da Educação Física Escolar no processo de desenvolvimento do aluno.
- Participante 11 - Sexo feminino, 49 anos – 28 anos de serviços no Estado.
Sim, os alunos participam mais.
- Participante 12 - Sexo masculino, 33 anos – 09 anos de serviços no Estado.
Não, sendo um esporte de massa, o seu desenvolvimento é natural e poucas escolas têm espaço físico para seu desenvolvimento, principalmente a minha.
- Participante 13 - Sexo masculino, 43 anos – 20 anos de serviços no Estado.
Sim, desde que seja direcionada a prática de forma educativa, procurando não só o lado social como esportivo.
- Participante 14 – sexo masculino, 44 anos – 23 anos de serviços no Estado.
Não, o Futebol é um jogo que não promove a disciplina como prioridade.
- Participante 15 – sexo masculino, 30 anos – 04 anos de serviços no Estado.
Sim, desejando procurar o caminho para que a Educação Física seja agradável, nada como realizar o desejo do educando.

Pergunta 2:

- O Futebol, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, colabora no processo de desenvolvimento do aluno de 5ª à 8ª séries? Sim/Não. Por quê?

Respostas

- Participante 1 - Colabora, como as outras modalidades para o desenvolvimento corporal, motor e social do aluno, ajudando na parte de disciplina, da vivência em grupo e na aprendizagem do respeito à individualidade.
- Participante 2 - Sim, assim como qualquer outra modalidade desenvolve coordenação, agilidade, força e raciocínio rápido.
- Participante 3 - Sim, porque toda atividade física colabora.
- Participante 4 - Sim, porque o aluno desenvolve habilidades motoras e não há discriminação quanto à deficiência física (ex: aluno com prótese joga Futebol, aluno com membros amputados ou mesmo com seqüelas motoras etc...).
- Participante 5 - Sim, é uma excelente atividade para o desenvolvimento físico, mental e social.
- Participante 6 - Sim, porque estimula o desenvolvimento físico e mental, fazendo com que o aluno adquira habilidades importantes nesta faixa etária.
- Participante 7 - Sim.
- Participante 8 - Sim, porque desenvolve as habilidades motoras dos alunos e é um meio de integração entre eles.
- Participante 9 - Sim, desenvolve o aluno integralmente: física e mentalmente.
- Participante 10 - Sim, toda modalidade esportiva ajuda no desenvolvimento integral do aluno.
- Participante 11 - Sim, colabora no desenvolvimento em todos os sentidos; integração, socialização, psíquico, moral e intelectual, pois através do esporte (Futebol) o aluno se identifica com todos estes desenvolvimentos.
- Participante 12 - Não, o Futebol por si próprio, pela sua forma individualista em relação ao aluno, em detrimento do coletivo e da sociabilização.
- Participante 13 - Sim, como todo esporte leva a educação e a sociabilidade, o Futebol também tem o poder de seduzir os alunos para a prática esportiva.

- Participante 14 - Sim, se o profissional aplicá-lo como meio de levar “educação” pelo esporte, o que nos parece difícil.
- Participante 15 - Sim, apesar do Futebol não primar por obediência, disciplina tática e coletividade.

Pergunta 3:

- Você trabalha com Futebol em suas aulas de Educação Física? Sim/Não por quê?

Respostas:

- Participante 1 - Sim, trabalho com Futsal, que acredito ser 99% igual à conduta em relação ao Futebol de campo, com princípios praticamente iguais e ganhos semelhantes nas qualidades físicas também.
- Participante 2 - Sim
- Participante 3 - Sim, porque não trabalhar com aquilo que os alunos mais sentem interesse?
- Participante 4 - Sim, e muito, é o esporte preferido de todos os alunos.
- Participante 5 - Sim, o Futebol pode ser trabalhado não só na prática como também na teoria.
- Participante 6 - Sim, muito.
- Participante 7 - Sim
- Participante 8 - Sim
- Participante 9 - Sim, também outras modalidades.
- Participante 10 - Precisamente Futebol não, por falta de espaço físico, mas trabalha-se com o Futsal, bem como outras modalidades. Teoricamente é feito um trabalho com esta modalidade, através de regras, dimensões de campos oficiais etc...
- Participante 11 - Sim, o Futebol desenvolve todas as capacidades físicas dos alunos, como também outras modalidades ajudam.
- Participante 12 - Não, não temos espaço físico.
- Participante 13 - Não consta em nosso planejamento escolar, mais dirijo outros esportes.
- Participante 14 - Não, o Futebol promove a individualidade.
- Participante 15 – Sim, o esporte é o meio de desenvolver regras de vida, respeito às regras, companheirismo e espírito de humanidade coletiva.

Pergunta 4:

- Em quais séries você utiliza o Futebol como conteúdo de suas aulas?

Respostas:

- Participante 1 - Trabalho o Futsal em todas as séries.
- Participante 2 - Todas
- Participante 3 - 5.ª a 8.ª séries do ensino fundamental.
- Participante 4 - Em todas as séries.
- Participante 5 - Pode e deve ser trabalhado em todas as séries e sempre respeitando os níveis de maturação das crianças.
- Participante 6 - Sim, em todas as séries.
- Participante 7 - 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª séries.
- Participante 8 - De 5ª à 8ª série.
- Participante 9 - Todas às séries.
- Participante 10 - Como aula teórica, a partir da 6.ª série.
- Participante 11 - A partir da 5.ª série.
- Participante 12 - Em nenhuma série.
- Participante 13 - Não, só utilizo como recreação no colegial.
- Participante 14 - Em nenhuma série.
- Participante 15 - Utilizo em todas, aplicando-o (Futebol) como prêmio no aspecto de diversão ou jogo recreativo.

Pergunta 5:

Com que regularidade você trabalha com Futebol nas aulas de Educação Física?

Respostas:

- Participante 1 - Utilizo o Futsal, uma vez por mês em todas as séries. (5ª à 8ª séries)
- Participante 2 - Tenho 2 aulas semanais, das quais utilizo sempre (1) uma aula para Futebol.
- Participante 3 - Em classes numerosas alguns alunos jogam em todas as aulas, enquanto tento incentivar aqueles alunos que não querem fazer nada.
- Para a maioria dos meninos, 50% aproximadamente, é Futebol.
- Participante 4 - Em todas as aulas, às vezes, divido a quadra, mas não fica sem Futebol, ou seja, Futsal.
- Participante 5 - De acordo com a programação anual de aulas, mas deve ser pelo menos uma vez por semana em cada série.
- Participante 6 - Praticamente o Futebol entra em todas as aulas, com exceção daquelas aulas em que necessito de outro tipo de atividade.
- Participante 7 - Bimestral em todas as séries.
- Participante 8 - É trabalhado durante um bimestre como conteúdo e, às vezes, como recreação.
- Participante 9 - Frequentemente, nas formas competitivas e recreativas em todas as séries, bimestralmente.
- Participante 10 - Em torno de aproximadamente 1 (um) bimestre.
- Participante 11 - O Futebol, assim como as demais atividades programadas, têm sua importância dentro da Educação Física e obedece ao planejamento escolar. Utilizo bimestralmente.
- Participante 12 - Não trabalho com Futebol.
- Participante 13 - Nenhuma, às vezes como prêmio, deixo à vontade e eles jogam Futebol de Salão.

- Participante 14 - Não, não trabalho.
- Participante 15 - No fim de ano como torneio interclasses, ou seja, um prêmio aos alunos pelo ano transcorrido.

Pergunta 6:

Como você trabalha o futebol com seus alunos? (treinos) desenvolva a forma de trabalho das aulas por séries.

Respostas:

- Participante 1 - No campeonato escolar é realizado só o Futsal e em algumas escolas há turmas específicas de treinamento de Futsal.
- Participante 2 - 5.ª Séries – iniciação: dribles, passes, chutes, jogo recreativo, 6ª, 7ª e 8ª Séries: prática do jogo com introdução de regras oficiais.
- Participante 3 - Na aula normal, só é preciso trabalhar as regras.
- Participante 4 - Nas aulas de treinamento eu trabalho o condicionamento físico e o próprio jogo.
- Participante 5 - Sempre com a iniciação e sempre visando às necessidades dos alunos.
- Participante 6 - Participando sempre com aulas recreativas de Futebol.
- Participante 7 - Teórica (regras) e jogo propriamente dito.
- Participante 8 - É desenvolvido:
 1. Pelas regras
 2. Alongamento
 3. Aquecimento
 4. Fundamentos
 5. Jogos
 6. Treinos Táticos
 7. Amistosos
 8. Treinos coletivos
- Participante 9 - Como a escola oferece quase sempre apenas uma bola de Futebol (quando tem) fica impossível realizar um trabalho aprofundado em termos de treinamento. Então sobra a forma recreativa a ser aplicada.
- Participante 10 - Não trabalho com aulas de Futebol práticas por falta de espaço físico.
- Participante 11 – 1- Orientações sobre disciplina, ordem e respeito.
- Verificação do condicionamento físico.

- Verificação dos fundamentos básicos (bagagem trazida para a escola)
- Desenvolvimento dos fundamentos básicos.
- Treinamento individual e coletivo
- Jogos
- Participante 12 - Minha escola não tem local apropriado para a prática do futebol.
- Participante 13 - Somente como recreação ou jogos interclasses, devido à receptividade dos alunos na prática.
- Participante 14 - Não trabalho.
- Participante 15 - Não trabalho como conteúdo do plano anual, somente campeonato escolar no final do ano. (interclasses).

Pergunta 7:

Todos os seus alunos participam da aula quando é Futebol? Se não, por quê?

Respostas:

- Participante 1 - Sim, quando é Futebol (Futsal) 90% gosta de jogar.
- Participante 2 - 95% dos alunos
- Participante 3 - A maioria absoluta.
- Participante 4 - Sim, todos, dificilmente fica alguém sem participar.
- Participante 5 - A adesão dos alunos é muito satisfatória e mesmo os que por algum motivo não participem, desenvolvem alguma atividade paralela.
- Participante 6 - Todos participam
- Participante 7 - Não, tem aluno que não gosta de futebol.
- Participante 8 - Sim
- Participante 9 - Nem todos participam, alguns alunos preferem outras modalidades, como voleibol, basquetebol, etc...
- Participante 10 - Sim, pois todos os alunos têm que aprender as regras na sala de aula.
- Participante 11 - Não, respeitamos a individualidade de cada um. Problemas e conflitos individuais podem levar a outras modalidades esportivas, melhor dizendo, tornam-se obstáculos para o gosto pelo esporte.
- Participante 12 - Não, Atualmente o futebol é renegado o segundo plano nas escolas do estado. Trabalho outras modalidades.
- Participante 13 - Não, muitos são adeptos do voleibol, basquetebol, handebol etc.
- Participante 14 - Não, não aplico. Dirijo outras modalidades como vôlei e basquetebol.
- Participante 15 - Não, as aulas são dirigidas a outros esportes mais educativos e disciplinados como os esportes olímpicos. (após a resposta expliquei ao professor que futebol também é olímpico, ele observou que utilizava mais o vôlei, basquetebol).

Pergunta 8:

Há diferença na prática de Futebol entre meninas e meninos?

Respostas:

- Participante 1 - Há diferença física, mas todos gostam de jogar.
- Participante 2 - Sim, as meninas são mais delicadas.
- Participante 3 - Sim, os meninos são mais hábeis e mais interessados.
- Participante 4 - Sim, as meninas gostam de Futebol, mas não usam as regras. É mais como recreação e os meninos não, eles sabem as regras e são mais atuantes.
- Participante 5 - As regras são universais, mas quando aplicados de maneira recreativa podemos mesclar entre o feminino e o masculino.
- Participante 6 - Há uma certa diferença porque os meninos têm habilidades diferentes das meninas.
- Participante 7 - Não
- Participante 8 - Sim, nas meninas a prática é mais cadenciada.
- Participante 9 - Somente em velocidade e habilidade.
- Participante 10 - Sim, a diferença está no potencial físico e na habilidade, porém o processo pedagógico é o mesmo.
- Participante 11 - Com certeza, sim, na parte teórica.
- Participante 12 - Não tive essa experiência, mas acho que atualmente não há nenhuma diferença.
- Participante 13 - Sim, nas meninas é recreação pura e nos meninos competitividade dura.
- Participante 14 - Não vejo grande diferença.
- Participante 15 - Sim, enquanto as meninas se distraem e divertem-se, os meninos usam com prepotência e demonstração de superioridade, de maneira machista.

Pergunta 9:

Anote essas 3 palavras: Futebol-Aprendizagem-Escola. Para você, como educador, o que elas representam, em relação ao assunto abordado?

Respostas:

- Participante 1 - Escola, local de aprendizado com esportes, sendo o Futebol o mais requisitado.
- Participante 2 – Futebol modalidade esportiva. Aprendizagem contínua. Escola ponto de partida para educação e aprendizagem.
- Participante 3 - O Futebol na escola é mais uma atividade física importante, por isso não constitui uma aprendizagem porque os alunos já o sabem.
- Participante 4 - Futebol é tudo para eles, esta acima das outras matérias. Aprendizagem, eles aprendem a convivência em grupo na sociedade escola, é a complementação da vida deles.
- Participante 5 – Futebol Aprendizagem Educação Física, Mental e Social. Escola
- Participante 6 - Elas têm ligação muito estreita, A escola é um local de aprendizagem e o Futebol um esporte que ajuda educar.
- Participante 7 - À escola cabe ensinar e garantir a aprendizagem dos alunos. O esporte é um complemento educacional.
- Participante 8 – Futebol, é um conteúdo da Educação Física Escolar. Aprendizagem, todos participam, mas nem todos desenvolvem as habilidades específicas. Escola, onde é desenvolvido o processo de aprendizagem do aluno.
- Participante 9 - Representam meios para desenvolver uma prática educacional e cultural de cidadania.
- Participante 10 - Futebol, instrumento de socialização. Aprendizagem, refinamento para os movimentos, preparo para a vida. Escola, caminho para a vida.
- Participante 11 - Enquanto a atividade de ensino, em caráter educativo, tem grande contribuição na vida escolar dos alunos, quando se parte para o lado competitivo muda totalmente o aspecto desportivo.

- Participante 12 - Como educador e gostando de Futebol como torcedor, acho que nesse trinômio em relação ao Futebol, a aprendizagem é muito individual, a criança já nasce com esse dom, só aperfeiçoa praticando, em detrimento dos outros esportes, cujos fundamentos possam ser ensinados. E na escola, o principal é a educação, a ética e o trabalho coletivo norteado do futuro cidadão.
- Participante 13 - Futebol é paixão, amor do brasileiro, por isso os alunos não aceitam desenvolver fundamentos e a escola como meio de aprendizagem perde o senso de responsabilidade quanto à disciplina.
- Participante 14 - Futebol é recreação. Aprendizagem é um meio de canalizar informações ao aluno. Escola pode ser uma estrutura de tijolos comum para uns, como pode ser a ideologia de vida para outros.
- Participante 15 - Futebol, troféu disputado pelos alunos. Aprendizagem, aspecto nunca dedicado ao professor da unidade Escolar, visto a iniciação ser feita por pais, amigos e demais na rua. Escola, ambiente de respeito como fonte de informação e projetos futuros.

Pergunta 10:

- Para você (Professor), na escola, o Futebol é um esporte ou um jogo?
Comente.

Respostas:

- Participante 1 - Durante as aulas o Futebol ou Futsal é dado como jogo, mas respeitando as regras.
- Participante 2 - É um jogo de Futebol, logo a prática de um esporte. Quando colocamos os alunos na quadra para uma partida de futebol, ele está consciente de que é um jogo, em que existem regras e que ele irá praticar um esporte aprendido.
- Participante 3 - É um esporte e é um jogo, todo sabemos isto, até a criança.
- Participante 4 - Na minha escola existem vários alunos atletas, atuantes em times na cidade, mas para os alunos é um jogo como uma aula normal de Educação Física. Ele é decifrado como esporte para aqueles que o praticam, e para aqueles que fazem a aula de Educação Física.
- Participante 5 - Jogo, pois deve ser trabalhado de maneira lúdica e recreativa.
- Participante 6 - Pode ser usado como esporte e como jogo, tendo as regras mudadas de acordo com a vontade de todos.
- Participante 7 - O Jogo de Futebol é uma modalidade esportiva, portanto é um esporte.
- Participante 8 - É um esporte, porque existe regras unificadas em todos os lugares do mundo e a partir dessas regras é que desenvolvemos o futebol.
- Participante 9 - O Futebol na escola é lazer, já que a função da escola é oferecer recursos e meios para formar cidadãos com senso crítico e sabedores de seus direitos e deveres.
- Participante 10 - Na escola é esporte quando visa o aproveitamento sadio das horas de lazer. É jogo quando o objetivo é uma competição.
- Participante 11 - Na escola o Futebol é tido como jogo, mas cabendo a nós educadores e principalmente esportistas, trabalhar com os alunos pelo lado esportivo, bem como em todas as outras modalidades.

- Participante 12 - Para mim Futebol na escola é um jogo, que deve ser trabalhado de forma recreativa.
- Participante 13 - Futebol esporte desenvolvido naturalmente até sem instrutores ou professores, como se diz “aprende jogando”, por isso considerado mais recreativo do que esporte disciplinador e dirigido para o lado educacional.
- Participante 14 - Futebol jogo praticado em forma de esporte e promove diversão quando feito sem regras.
- Participante 15 - Um jogo: o esporte na escola é um meio de comunicação, desenvolvimento e educação do aluno, que nunca iria atribuir ao Futebol a designação de pólo centralizador. O Futebol é nato e por isso o trabalho do professor nunca é respeitado, pois quando é praticado em bom nível o aluno se “acha o maior”, tudo gira ao seu redor e por isso eu qualifico o Futebol como uma fábrica de sonhos onde o funil da consagração é boca aberta e saída pequena.

CAPÍTULO 5

DECISÃO NOS PÊNALTIS: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Após a apresentação das perguntas para os professores da rede pública de ensino do município de Araçatuba/SP, responsáveis pelas aulas de Educação Física Escolar, e obtidas as respostas para as 10 perguntas, fiz o registro das inferências a partir das falas deles, que me permitiu construir categorias.

Pergunta 1: O Futebol, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, é importante nas aulas de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental? Sim/Não. Por quê?

Nesta primeira pergunta a resposta “**sim**” obteve 13 professores (86,67%), reconhecendo a importância da prática deste esporte durante as aulas de Educação Física Escolar.

A resposta “**não**” obteve a resposta negativa em apenas 02 professores (13,33%).

As justificativas relativas às respostas positivas e negativas foram as seguintes:

07 professores (46,69%) apontaram a resposta **sim** porque: “O futebol satisfaz o aluno”.

03 professores (20,01%) apontaram a resposta **sim** porque: “É importante igualmente outros esportes”.

02 professores (13,33%) apontaram a resposta **sim** porque: “Desenvolve habilidades físicas”.

01 professor (6,67%) apontou a resposta **sim** porque: O futebol deve ser direcionado para uma prática educativa”.

01 professor 6,67 apontou a resposta **não** porque: “Não precisa da escola para se desenvolver”.

01 professor 6,67 apontou a resposta **não** porque: “Não promove a disciplina”.

Segundo as respostas obtidas nesta primeira pergunta, temos a grande maioria dos professores questionados reconhecendo como importante o futebol como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar.

A justificativa dos professores mais citada para a utilização da atividade foi “O futebol satisfaz o aluno”.

Neste trabalho já coloquei o fascínio que o futebol exerce na criança e adolescente. Partindo desse sucesso entre os seus praticantes, acredito que esta atividade seja prazerosa como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, contribuindo assim para uma maior adesão entre os alunos. Dessa forma, o professor tem no futebol, um instrumento para ser utilizado neste processo.

Porém, o conteúdo das aulas de futebol no contexto escolar, na maioria dos casos há aspectos negativos, porque o professor ao invés de buscar as experiências adquiridas pelos alunos na sociedade para trazê-las para o contexto escolar, reestruturando-as e assim formando conceitos pedagógicos atuais, ele busca apenas satisfazer os interesses imediatos das crianças em relação ao futebol, que seria a prática do mesmo nos moldes em que o futebol é apresentado na sociedade.

Isso fica explícito, por exemplo, na resposta do participante n.º 7, “Sim, o futebol é o esporte mais popular e de maior aceitação entre os alunos de qualquer idade”. Ou ainda, como o participante 15 que responde, “Sim, desejando procurar o caminho para que a Educação Física seja agradável, nada como realizar o desejo do educando”. O professor deve satisfazer o aluno, buscando práticas que o motivem e tenham um cunho pedagógico, ao mesmo tempo.

A segunda resposta mais apontada foi, “O futebol é importante como outras modalidades esportivas”, destaca o entendimento dos professores em relação ao futebol, indicando-o apenas como esporte.

Outra resposta apontada foi que, “Desenvolve habilidades físicas”, caracteriza a forma de conteúdo utilizado pelos professores, voltados exclusivamente para o esporte. É a preocupação excessiva com aspectos biológicos

e em desenvolvimento de capacidades físicas, onde o professor com a determinação de que os alunos dominem as melhores técnicas de execução de determinado fundamento do futebol, estrutura suas aulas com o objetivo de garantir um excelente desempenho do indivíduo.

Verifica-se que dessa maneira existe uma padronização dos movimentos que comprometem o desenvolvimento global da criança e adolescente e se priorizam aspectos biológicos, deixando de lado os aspectos cognitivos e sociais.

Apenas 01 professor (6,67%) apontou que “O futebol deve ser direcionado para uma prática educativa”, demonstrando com esta justificativa que ele pode ter entendimento sobre a utilização do futebol como instrumento pedagógico.

01 professor (6,67%) apontou que “Não precisa de escola para se desenvolver”, embasada pela resposta do participante 12. “Não, sendo um esporte de massa, o seu desenvolvimento é natural e poucas escolas têm espaço físico para o seu desenvolvimento, principalmente a minha”.

Analisando a resposta do professor, em que o mesmo coloca que decorrente da sua popularidade, o futebol tem um desenvolvimento natural, entendo que mesmo com um grande número de praticantes, a forma de apresentação do futebol na sociedade encontra-se cercado de aspectos negativos já elucidados neste trabalho, e que quando apresentados na escola apenas reproduz os mesmos não contribuindo para um desenvolvimento saudável do indivíduo.

E finalizando, 01 professor (6,67 %) aponta que, “ O futebol não promove a disciplina”, não são consistentes para justificarem a importância ou não do futebol na Educação Física Escolar, podendo ficar entendido que o professor não se interessa na utilização do futebol como conteúdo escolar.

Posso analisar de acordo com as justificativas, que os professores demonstraram uma limitação de conhecimentos em relação à dimensão que o futebol pode apresentar dentro do contexto pedagógico dos alunos.

Esta limitação fica ainda mais marcante quando os professores entrevistados apontam o futebol como importante porque desenvolve capacidades físicas apenas, deixando os contextos cognitivos e sociais de lado.

Tabela 1 - O futebol enquanto conteúdo da Educação Física Escolar é importante nas aulas de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental?
Sim/Não. Por quê?

Categorias		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem	
		Sim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	13	86,67%
	Não												X		X		dois	13,33%	
a) É importante igualmente outros esportes	P O R Q U E	X	X				X										3	20,01%	
b) O aluno se satisfaz e participa mais.				X		X		X	X	X		X				x	7	46,69%	
c) Desenvolve capacidades físicas					X							X						2	13,33%
d) Futebol como uma prática educativa e pedagógica															X			1	6,67%
e) Não precisa da escola para se desenvolver														X				1	6,67%
f) Não promove a disciplina																X		1	6,67%

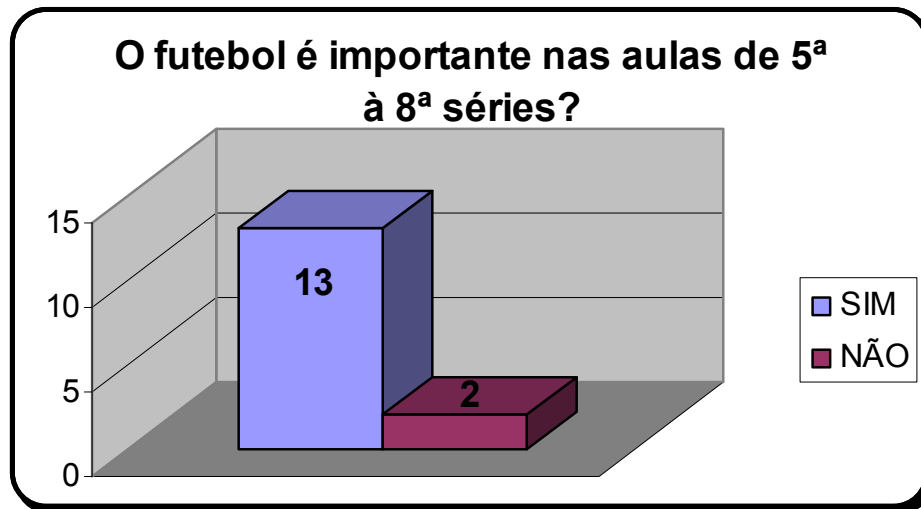


Gráfico nº 1

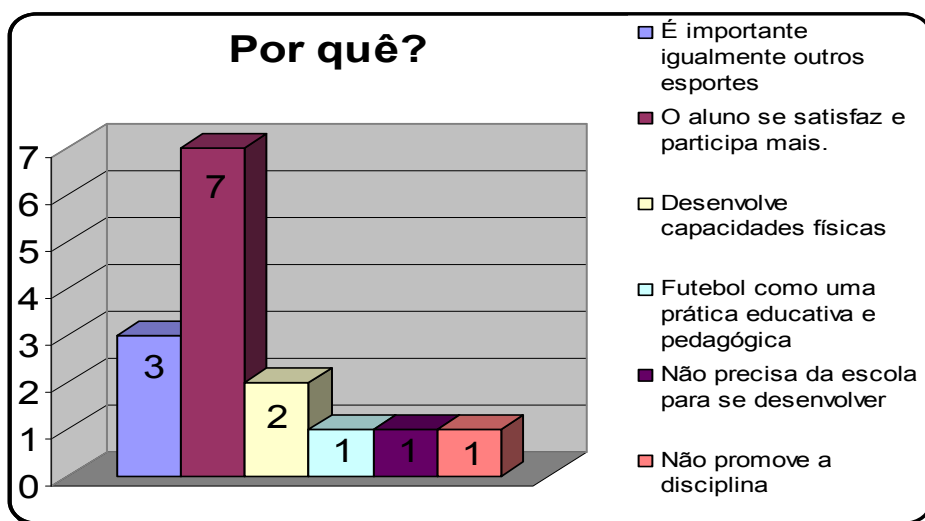


Gráfico nº 2

Pergunta 2: O futebol enquanto conteúdo da Educação Física Escolar colabora no processo de desenvolvimento do aluno de 5.ª a 8.ª séries? Sim/Não. Por quê?

Na segunda pergunta, a resposta “**sim**” foi citada por 14 professores(93,33%) e a resposta “**não**” foi citada por apenas 1 professor (6,67%) que não entende o futebol como conteúdo necessário ao processo de desenvolvimento do aluno.

As justificativas relativas a segunda pergunta obtiveram 13 professores (86,71%) entendendo que o futebol colabora com o desenvolvimento do aluno, como também outras modalidades esportivas.

Colocação feita pelo participante número 13. Sua resposta na íntegra destaca que, “Sim, como todo esporte leva a educação e a sociabilidade, o futebol também tem o poder de seduzir os alunos para a prática esportiva”, ou ainda o participante número 14 que coloca, “ Sim, se o profissional aplicá-lo como meio de levar educação pelo esporte, o que nos parece difícil”. Talvez a dificuldade apresentada pelo participante número 14 seja a mesma de muitos professores.

Tubino (1992) destaca a confusão generalizada entre o conceito educativo do esporte e o rendimento esperado dele, tornando-se quase impossível identificar os objetivos sociais presentes no esporte-educação. O autor coloca que a causadora desta confusão talvez seja a aplicação das mesmas regras do futebol de alto nível, para outras esferas, e aplicadas pelos professores nas aulas de Educação Física Escolar. O futebol quando tem um conteúdo caracterizado como jogo, faz com que as regras tenham outros contornos, colocando mais liberdade nas ações para a sua prática.

A resposta “**não**” com 01 professor (6,67%) justificou-se destacando o futebol como uma modalidade esportiva que privilegia o individualismo da criança e adolescente. Analisando a resposta na sua íntegra entendo que a justificativa se baseia no fato do professor avaliar os efeitos negativos do esporte de alto nível, retratado pela mídia em relação ao futebol, que talvez na visão do professor, outras modalidades não contenham. Observa-se de acordo com as justificativas para a pergunta número 2 que quase a totalidade dos professores, que o futebol e outras modalidades esportivas, tem como função principal o desenvolvimento corporal, mental e social dos princípios também defendidos neste trabalho.

Tabela 2 - O futebol enquanto conteúdo da Educação Física Escolar colabora no processo de desenvolvimento do aluno de 5ª à 8ª séries? Sim/Não. Por quê?

Categorias		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
		Sim	x	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	x		x	x	x
Não													x				1	6,67%
a) Como outras modalidades colabora com o desenvolvimento do aluno	P O R Q U E	x	x	x	x	x	x		X	x	x	x		x	x	x	13	87%
b) O Futebol não privilegia o desenvolvimento do aluno													x				1	6,67%
c) Positivo, mas sem justificativa para a resposta.									x									1

O futebol colabora no processo de desenvolvimento do aluno?

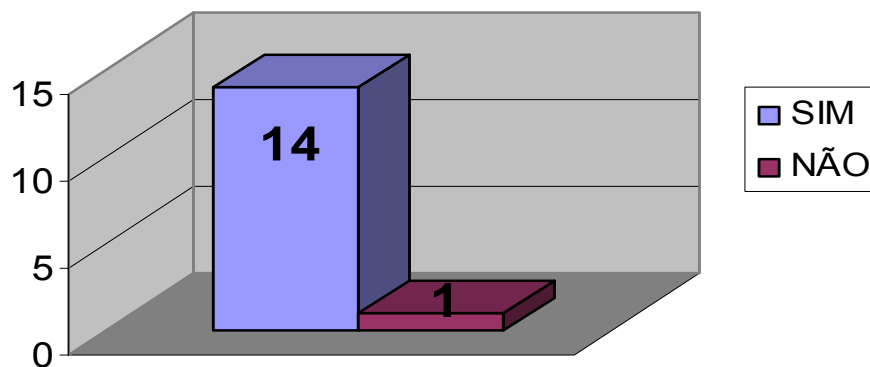


Gráfico nº3

Por quê?

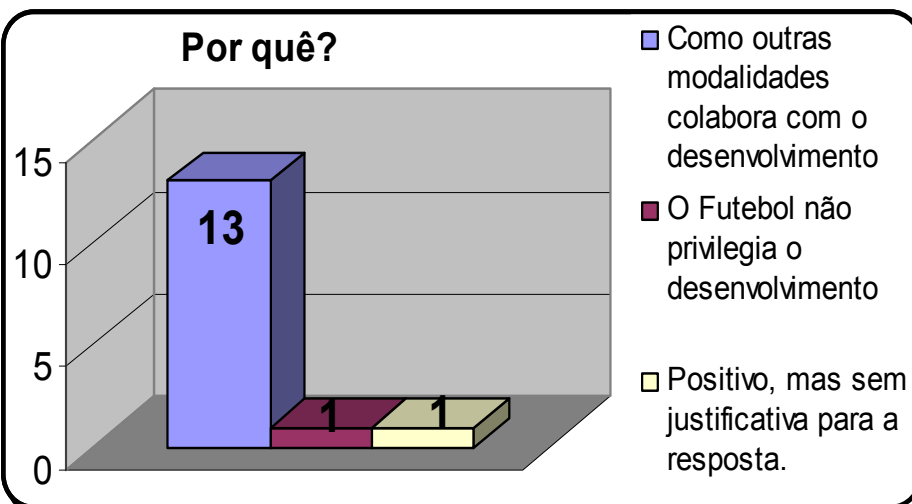


Gráfico nº4

Pergunta 3: Você trabalha com futebol em suas aulas de Educação Física? Sim,não. Por quê?

A terceira pergunta obteve a resposta “**sim**” em 11 professores (73,37%) e a resposta “**não**” em 04 professores (20%) dos participantes do questionário.

As justificativas para as respostas positivas foram:

04 professores (26,68%) afirmam que trabalham com futebol, mas não justificam o por quê.

03 professores (20,01%) a justificativa foi de que o trabalho com o futebol nas aulas é bom para o desenvolvimento dos alunos.

02 professores (13,33%) afirmaram que a aula de futebol é mais interessante, a preferida pelos alunos.

01 professor (6,67%) justifica que trabalha o futebol e outras modalidades.

01 professor (6,67%) justifica que trabalha como o futebol na teoria e a prática.

As justificativas para as respostas negativas foram:

02 professores (13,33%) justificam que não trabalham com o futebol, devido a não existir espaço apropriado em suas escolas.

01 professor (6,67%) justifica que não consta em seu planejamento anual.

01 professor (6,67%) justifica que o futebol promove a individualidade.

Verifica-se pelas justificativas de respostas positivas que apesar da grande maioria dos professores entrevistados utilizarem o futebol nas suas aulas de Educação Física Escolar, não existe um consenso. Talvez influenciadas pelas justificativas apresentadas nas respostas anteriores, a maioria dos professores respondeu apenas positivamente, sem entrar em detalhes, sendo que os outros que responderam positivamente buscaram também os mesmos argumentos já citados anteriormente nas duas perguntas já apresentadas.

Já nas respostas negativas, a justificativa principal foi a falta de espaço para a prática do futebol, porém entendo que o futsal tem características semelhantes ao futebol, e neste trabalho, busquei entendê-los como uma atividade única.

Nas outras respostas negativas, obtive uma resposta que se justifica pela falta de planejamento escolar e a outra porque o futebol promove a individualidade, por isso não faz parte do conteúdo de suas aulas, fato que também já foi analisado na pergunta 01.

Tabela 3 - Você trabalha o futebol em suas aulas de Educação Física?

Categorias		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem	
		Sim	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X				X	11	73,37%
	Não										X		X	X	X		4	26,68%	
a) A aula mais interessante, a preferida	P O R Q U E			X	X												2	13,33%	
b) É bom para o desenvolvimento dos alunos		X										X				X	3	20,01%	
c) Trabalho Futebol e outras modalidades											X							1	6,67%
d) Não, não existe espaço físico												X		X				2	13,33%
e) Não, futebol promove a individualidade																X		1	6,67%
f) Resposta positiva , sem justificativa			X				X	X	X								4	26,68%	
g) Sim,pode ser trabalhado na teoria (regras) e prática.						X											1	6,67%	
h) não consta no planejamento escolar														X			1	6,67%	

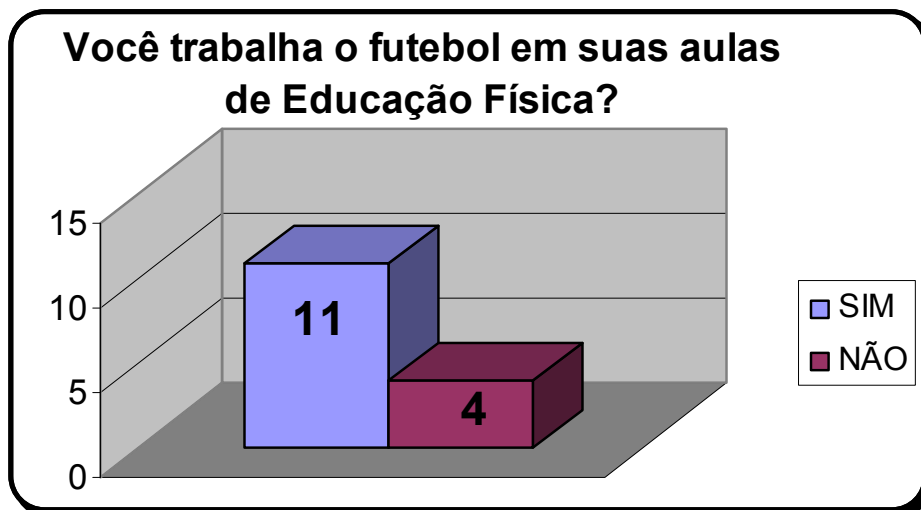


Gráfico nº5

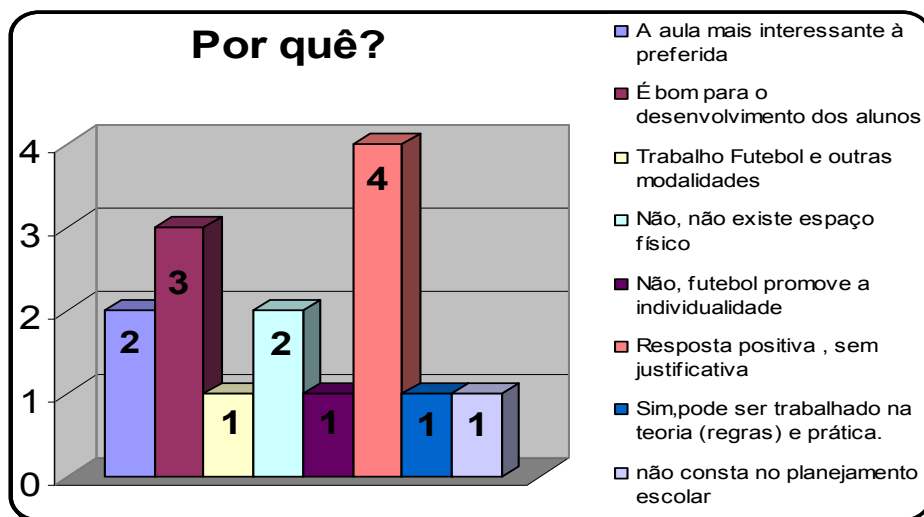


Gráfico nº 6

Pergunta 4: Em quais séries você utiliza o Futebol como conteúdo de suas aulas?

Nesta quarta pergunta obtemos 11 professores (73,33%) trabalhando como o futebol em todas às séries.

01 professor (6,67%) que trabalha a partir da 6.ª série como aula teórica.

03 professores (20,01%) não trabalham em série nenhuma.

Dentre as respostas obtidas nesta pergunta, temos o participante número 5 que indicou a prática do futebol em todas as séries, mas sempre respeitando os níveis de maturação da criança. Esta justificativa demonstra que o professor está preocupado com os aspectos biológicos e capacidades físicas dos alunos para o desenvolvimento de sua aula, não buscando dentro das características do jogo, elementos necessários para seu conteúdo nas aulas de futebol na Educação Física Escolar, fato já discutido na pergunta número 1.

Também nesta questão, temos o participante número 15, que utiliza o futebol em todas as séries, e justifica: "Utilizo em todas, aplicando-o como prêmio no aspecto de diversão ou jogo recreativo".

Observa-se que o professor tem a visão de que o futebol deve ser utilizado somente para premiar os alunos após a realização de outras atividades onde o aluno está participando. Este prêmio faz com que a criança utilize, segundo o participante número 15, um jogo recreativo, que pelo meu entendimento tem as características do futebol apresentado como jogo, sendo somente o direcionamento das atividades que fica sem maiores compromissos, entre o professor e o aluno. Isso acontece quando profissional joga a bola para seus alunos e deixa à vontade, com suas regras, liberdade de ações, mas também, por outro lado, culturalmente utilizando os modelos reproduzidos pelo esporte de alto nível, presentes na sociedade. Sendo assim, a interação aluno/professor, fica comprometida, porque não existe troca de ações que possam dimensionar o futebol como um instrumento pedagógico.

Tabela 4 - Em quais séries você utiliza o Futebol como conteúdo de suas aulas?

Categories	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
a)Todas as séries	x	X	x	X	x	x	X	X	x		x				x	11	73,33%
b)Como aula teórica, a partir da 6ª série										x						1	6,67%
c)Em nenhuma série												x	x	x		3	20,01%

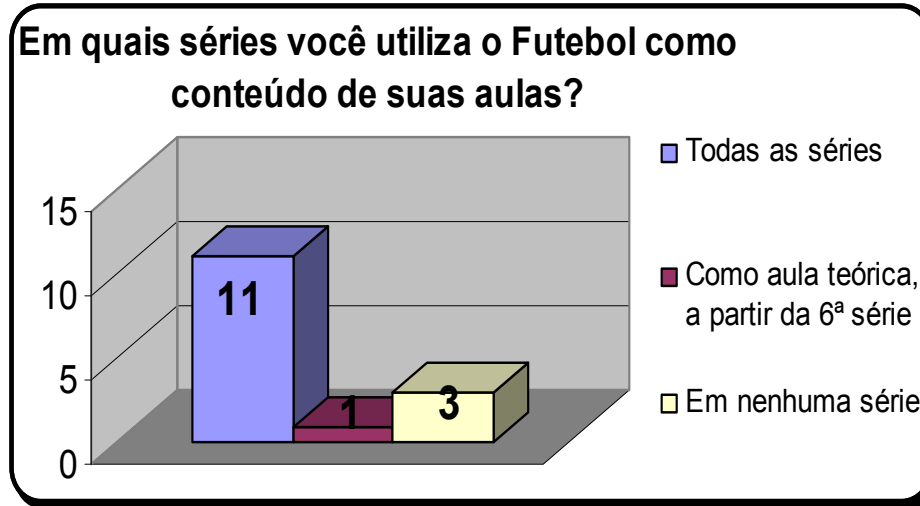


Gráfico nº 7

Pergunta 5: Com que regularidade você trabalha com futebol nas aulas de Educação Física? Aula / Série.

Na quinta pergunta obtive o seguinte percentual de regularidade:

05 professores (33,35%) que utilizam o futebol como conteúdo de suas aulas bimestralmente.

03 professores (20,01%) utilizam em todas as aulas (02 por semana).

03 professores (20,01%) uma vez por semana.

01 professor (6,67%) utiliza mensalmente (01 aula).

01 professor (6,67%) utiliza o futebol apenas no torneio interclasse de final de ano.

03 professores (20,01%) não utilizam o futebol em nenhuma série e aula.

Após obter a regularidade com que os professores trabalham com futebol nas aulas de Educação Física Escolar, busquei em suas respostas subsídios que me auxiliassem em uma análise detalhada da pergunta, pois alguns professores citam também a forma que utilizam o futebol nas suas aulas.

Entendo que não existe o planejamento de aula necessário para conduzir um conteúdo relativo ao futebol, com elementos pedagógicos necessários. Observa-se que apenas 02 professores (13,33%) citam o planejamento escolar, como forma de justificar o número de aulas de futebol.

O participante número 5 coloca que: "De acordo com a programação anual de aulas, mas deve ser pelo menos uma vez por semana em cada série", e ainda, o participante número 11 que comenta, "O futebol, assim como as demais atividades programadas, tem sua importância dentro da Educação Física e obedece ao planejamento escolar". Enquanto outros professores participantes demonstravam, segundo suas respostas, que não planejam de forma adequada suas aulas de futebol. Posso citar como exemplo de falta de planejamento escolar, o participante número 3 responde que, "Em classes numerosas alguns alunos jogam em todas as aulas, enquanto tento incentivar aqueles alunos que não querem fazer nada", ou ainda, "Praticamente o futebol entra em todas as aulas, com exceção

daquelas aulas em que necessito de outro tipo de atividade”.

Também o participante número 9 que responde, “Freqüentemente, nas formas competitivas e recreativas em todas as séries”. Este último, além de não planejar adequadamente suas aulas, determina “formas”, de trabalhar seu conteúdo de futebol na Educação Física Escolar. Não quero negar a competição, ela faz parte da cultura humana, porém como já busquei no referencial teórico, a “forma” em que o professor executa a competição para seus alunos, é que alimenta frustrações, decepções. A competição quando planejada e estruturada dentro do contexto escolar, deve ter as modificações necessárias, o futebol caracterizado como um jogo, não excluindo ou alimentando os aspectos negativos que a competição pode trazer, se trabalhados de forma indevida, também já visto no referencial teórico.

Quanto à recreação citada também como “forma” de trabalho com o futebol, acredito que seja outro professor que joga a bola para os alunos e deixa à vontade.

Logo, verifica-se diante das respostas acima que os professores questionados na sua grande maioria não fazem o planejamento escolar para seus conteúdos relativos ao futebol. O professor que não planeja fica sem condições de elaborar e estruturar suas aulas adequadamente, deixando com que suas aulas fiquem comprometidas sob o aspecto pedagógico.

Portanto, analisando as perguntas 4 e 5, observa-se que não existe um planejamento adequado para a utilização de um conteúdo voltado para o desenvolvimento global da criança nas aulas de futebol, inseridos no contexto da Educação Física Escolar.

Tabela 5 - Com que regularidade você trabalha o futebol nas aulas de Educação Física? Aula/Série

Categories	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
a) Mensal (1 aula)	x															1	6,67%
b) Semanal (1 vez)		X			X											2	13,33%
c) Todas as aulas (2 vezes semanais)			x	x		x										3	20,01%
d) Bimestral							x	x	x	x	x					5	33,35%
e) Nenhuma												x	x	x		3	20%
f) No torneio interclasse final de ano															x	1	6,67%

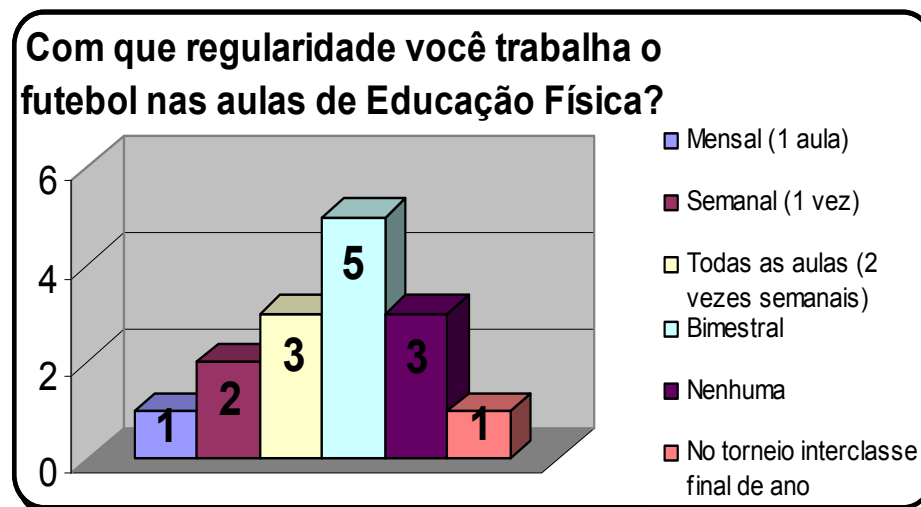


Gráfico nº 8

Pergunta 6: Como você trabalha com futebol com seus alunos? (treinos) desenvolver as formas de trabalho das aulas por séries?

Na sexta pergunta, obtive como resposta os seguintes dados:

07 professores (46,69%) responderam que o professor utiliza aulas de treinamento dividido em físico e teórico (iniciação e jogo).

03 professores (20,01%) responderam que trabalham o futebol como recreação.

01 professor (6,67%) utiliza em campeonato escolar, em todas as séries.

04 professores (26,67%) afirmaram que não possuem estrutura necessária para a prática do esporte.

Os 07 professores (46,69%) que estruturaram suas atividades voltadas para treinamento e iniciação, divididos em físico e teórico, retratam a falta de preparo para estabelecer estes conteúdos direcionados para práticas educacionais que auxiliem na formação global do indivíduo.

Os professores utilizam o futebol como esporte, com todos os aspectos negativos, trazendo a competição exacerbada, a formação precoce, a falta de motivação para a prática ocasionada por pela falta de condição técnica e outros já mencionados pelos autores no referencial teórico.

Concordo com De Marco e Melo (2002) quando em seu trabalho colocam que uma pedagogia bem elaborada faz com que o esporte tenha resultados positivos dentro de um contexto educacional, e os autores comentam:

Não se trata de condenar o esporte, mas de combater as pedagogias que não respeitam o universo infantil, instituindo em tenra idade, as premissas do esporte de rendimento, em que a competição acirrada, a busca pela vitória, as atitudes nocivas e o estímulo para superar os limites corporais são colocados da mesma forma que para os adultos, sem nenhuma adaptação dessas práticas para a realidade da criança. (p.344)

Além de uma preocupação extrema com aspectos essencialmente biológicos, como os citados acima, existe também dentro do planejamento e desenvolvimento das aulas, muitos professores que fragmentam suas ações para o aprendizado do futebol, citado pelo participante número 8 da pergunta 6. “É desenvolvido, pelas regras, alongamento, aquecimento, fundamentos, jogos, treinos táticos e amistosos”. Ou ainda, o participante número 11, da mesma pergunta. “Orientações sobre disciplina, ordem e respeito, verificação dos fundamentos básicos, treinamento individual e coletivo e jogos”, e finalizando os exemplos, cito a resposta do participante número 4, que coloca: “Nas aulas de treinamento eu trabalho o condicionamento físico e o próprio jogo”.

Observa-se que alguns professores buscam ensinar o futebol em partes (método parcial) para posteriormente quando um movimento seja executado de maneira correta, o professor busque ensinar outro movimento. Desta maneira o futebol fica restrito a ensinamentos técnicos que não servem de estímulo para sua prática, fazendo com que os alunos que não tenham uma melhor qualidade técnica fiquem tímidos ou não freqüentem as aulas com este conteúdo.

Nesta mesma pergunta temos 03 professores (20,01%) que desenvolvem o futebol como recreação. Um dos professores destaca que, “Como a escola oferece quase sempre apenas uma bola de Futebol (quando tem) fica impossível realizar um trabalho aprofundado em termos de treinamento. Então sobra a forma recreativa a ser aplicada”. Na minha opinião esta forma de conteúdo intitulada recreação, seria dar a bola para os alunos e ficar apenas olhando. Poderia ser um jogo educativo, se tivesse a intervenção do profissional direcionando as atividades, fato já mencionado na análise da pergunta número 5.

Tabela 6 - Como você trabalha o futebol com seus alunos? (treinos) Desenvolver as formas de trabalho das aulas por série?

Categories	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
a)Somente campeonato escolar	x															1	6,67%
b)Aulas de treinamento dividido em físico e teórico (iniciação e jogo)		x	x	x	x		x	x			x					7	46,69%
c)Não tenho local adequado										x		x		x	x	4	26,67%
d)Utilizando aulas recreativas						x			x				x			3	20,01%

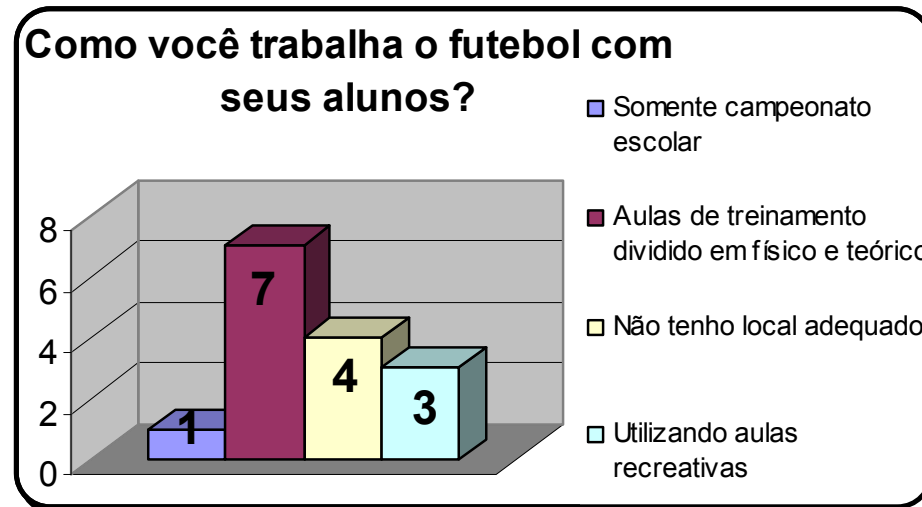


Gráfico nº 9

Pergunta 7: Todos os alunos participam da aula quando é futebol?
Se a resposta for negativa, por quê?

A sétima pergunta obteve 07 professores (46,67%) de respostas positivas **sim**, e 08 professores (53,33%) responderam que **não**.

Mesmo encontrando um equilíbrio nas adesões para as aulas de futebol na escola, nesta pergunta, busquei analisar as respostas anteriores, onde os professores responderam quase por unanimidade que o futebol é importante e colabora com o conteúdo das aulas, que é utilizado de 5.^a a 8.^a séries praticamente em todas as séries e tem boa aceitação dos alunos, por quê a adesão não é total?

Entendo que a falta da elaboração de conteúdos estruturados pedagogicamente faz com que não apenas a atividade em estudo, no caso o futebol, não tenha uma adesão total, mas qualquer outra atividade física coletiva que tenha seu conteúdo voltado para o esporte.

Este comentário se baseia nas respostas e justificativas apresentadas pelos participantes, como por exemplo, o número 13, “Não, muitos são adeptos do voleibol, basquetebol, handebol etc”. Ou ainda, o participante número 7, “Não, tem aluno que não gosta de futebol”. Mesmo as respostas positivas, como a do participante número 10, “Sim, pois todos os alunos têm que aprender as regras na sala de aula”.

Isto reforça ainda mais os argumentos relativos à prática de atividades físicas coletivas, na escola, estruturada como jogo, porque independente de o aluno simpatizar ou não com a atividade, uma prática fundamentada em pressupostos pedagógicos, tem uma maior facilidade em romper as barreiras da falta de motivação e prazer e leva o aluno a inclusão nas aulas de Educação Física Escolar.

A utilização do futebol caracterizado como jogo, faz com que o aluno encontre motivação para a atividade e ao mesmo tempo desfrute do futebol com jogos modificados, praticamente ausente de regras e juízes, sendo apenas o professor o orientador das ações conjuntas com o aluno, fazendo a interação aluno/professor seja realizada.

Tabela 7 - Todos os alunos participam de aula quando é Futebol? Se não por quê?

Categoria		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
	Sim	x	x	x	x		x		x		x							7
Não						x		x		x		x	x	X	x	x	8	53,33%
Não gosta de Futebol, gosta de outra modalidade.	Porque						x	x		x		x	x	X	x	x	8	53,33%

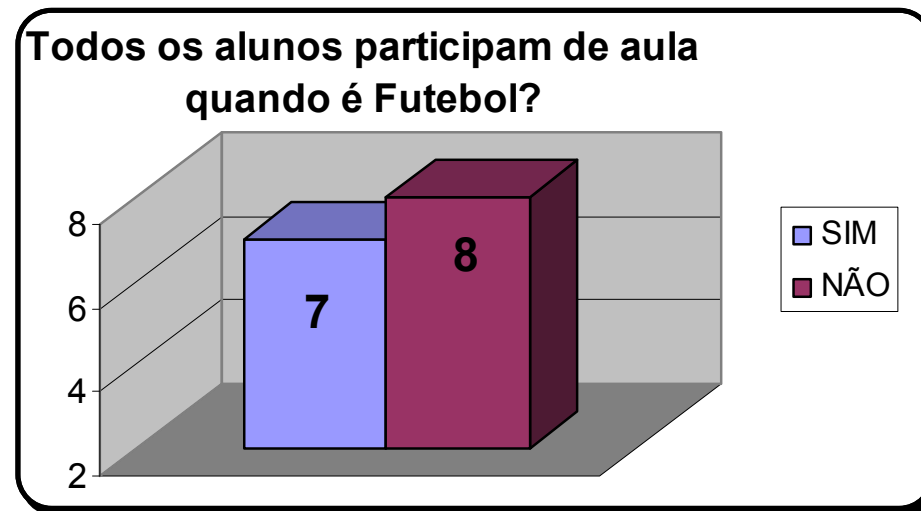


Gráfico 10

Pergunta 8: Há diferença na prática do Futebol entre meninos e meninas? sim,não. Por quê?

A oitava pergunta tem 11 professores (73,37%) com a resposta **sim** e 06 professores (26,68%) com resposta **não**.

Nas justificativas apresentadas encontrei:

07 professores (46,69%) que apontam a existência de diferenças de habilidade e técnica entre os sexos.

04 professores justificam que o futebol para o sexo feminino é utilizado como recreação.

05 professores (33,35%) colocam que não existe diferença entre os sexos na prática do futebol.

Nesta oitava pergunta, quando questionei os professores quanto a possíveis diferenças entre meninas e meninos, as justificativas apresentadas colocam na grande maioria o futebol como esporte para os meninos e recreação para as meninas, exemplificada por estas duas respostas dos participantes números 1 e 13, a seguir. “Há diferença física, mas todos gostam de jogar”. e “Sim, para as meninas é recreação pura e nos meninos competitividade dura”.

Entendo que mais uma vez os professores estruturam o futebol como esporte, dividindo os sexos de acordo com as capacidades físicas e habilidades motoras.

Quanto as 5 respostas negativas para a pergunta, os professores somente colocaram que não existem diferenças entre os sexos na pratica do futebol, porém não apresentaram embasamento para suas respostas nas justificativas.

Portanto, entendo de acordo com as respostas e justificativas obtidas, que realmente os professores utilizam o futebol como esporte, pois, na verdade, existe diferença na prática do esporte, no caso o futebol, quando ele encontra seu conteúdo estruturado no esporte apresentado pela sociedade, em que existe exclusão e a prática somente é executada pelos melhores.

Quando o futebol assume uma postura pedagógica, sendo utilizado como instrumento educativo não existem diferenças. Através dos jogos pré-desportivos, o futebol caracteriza-se como um jogo, proporcionando condições de igualdade diante dos seus praticantes.

Tabela 8 - Há diferença na prática de Futebol entre meninos e meninas?

Categorias		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
		Sim	x	x	x	x		x		x	x	x	x		x		x	11
	Não					x		x					x		x		4	26,68%
a) Diferença de habilidade e compatibilidade	P O R Q U E	x		x			x		x	x	x	x					7	46,69%
b) Para as meninas é recreação			x		x									x		x	4	26,68%
c) Não existe diferença							x		x		x			x		x		5

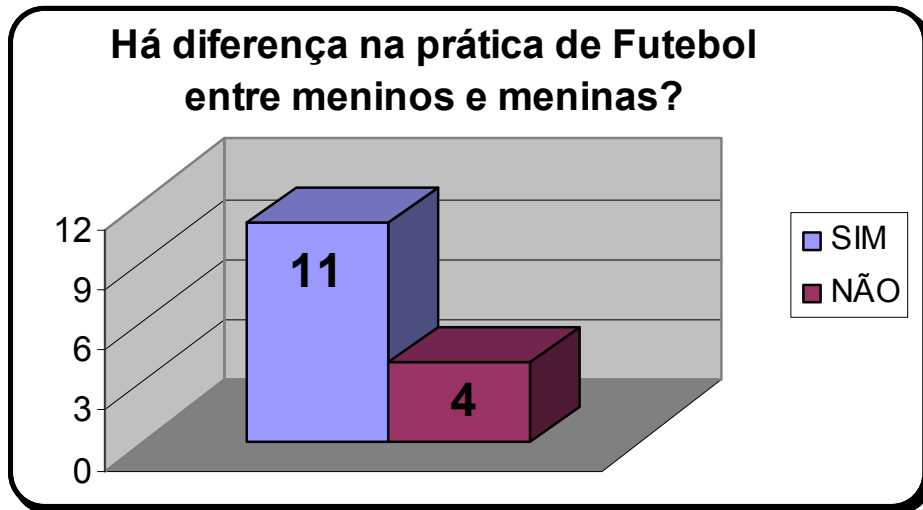


Gráfico nº 11

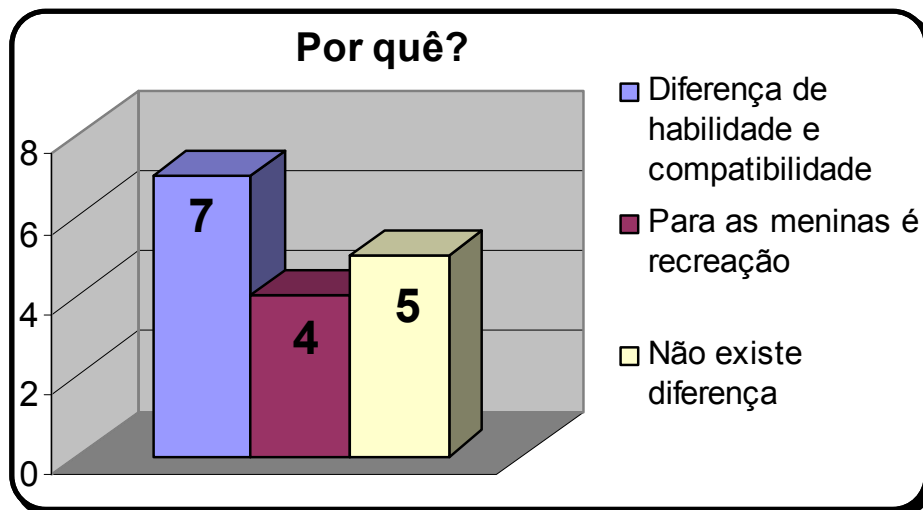


Gráfico nº 12

Pergunta 9: Anote essas 3 palavras: Futebol – Aprendizagem-Escola. Para você, como Educador, o que elas representam, em relação ao assunto abordado?

Encontramos nesta nona pergunta, as seguintes respostas:

3 professores (20,01%) responderam que a escola é local de aprendizagem de outras modalidades, o futebol aprende-se fora da escola.

12 professores (79,99%) responderam que a escola é a complementação da vida, aprendizagem dos alunos, e o esporte complemento educacional.

Analisando as respostas dos professores, entendo que os mesmos relacionam positivamente a ligação estreita que a Escola-aprendizagem-futebol, assumem no contexto escolar. Como por exemplo, o participante número 2 que coloca: “ Futebol modalidade esportiva. Aprendizagem contínua. Escola ponto de partida para educação e aprendizagem”, ou ainda, como o participante número 10 que coloca: “ Futebol, instrumento de socialização. Aprendizagem, refinamento para os movimentos, preparo para a vida. Escola, caminho para a vida”. Logo, existe dos professores, um senso de relação de valores representativos para a educação, contida das 3 palavras.

Quanto aos outros professores que não entendem que o futebol possa ser um instrumento necessário para estar inserido no conteúdo da Educação Física Escolar, justificando que o futebol o aluno já aprende fora da escola e que na instituição, devem ensinar outras modalidades, penso que esta forma de entendimento destaca um dos aspectos negativos que as atividades físicas coletivas encontram teoricamente, quando tratadas como esporte, que é o professor buscar as experiências adquiridas pelos alunos em casa e na sociedade, e sem o preparo necessário, apenas reproduzem o que é feito fora da escola, nas aulas de Educação Física Escolar, ou seja, no caso do futebol os professores ensinam com as mesmas regras e movimentos dos adultos a atividade, causando em muitos casos, traumas em crianças menos favorecidas tecnicamente na atividade, e outros aspectos negativos, já relacionados neste trabalho.

Neste caso o professor nega o futebol na escola, e ao mesmo tempo reproduz outra atividade física coletiva, por exemplo basquetebol ou voleibol também como são encontrados pela mídia nos encontros esportivos, causando os mesmos males previstos pelo esporte.

Portanto, entendo que a escola como principal instituição para formação da criança e adolescente, busca através de atividades diversas seu aprendizado para a sociedade, sendo que o futebol, pelo seu prestígio, deva estar presente no conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, como um instrumento pedagógico.

Tabela 9 - Anote essas 3 palavras: **Futebol-Aprendizagem-Escola**. Para você, como educador, o que elas representam, em relação ao assunto abordado.

Categories	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
a) Escola local de aprendizagem de outras modalidades, o futebol aprende-se fora da escola			x									x	x			3	20,01%
b) Escola – complementação da vida, aprendizagem dos alunos. Esporte complemento educacional	x	x		X	x	x	x	x	x	x	x			x	x	12	79,99%

**Futebol-Aprendizagem-Escola. Para
você, como educador, o que elas
representam**

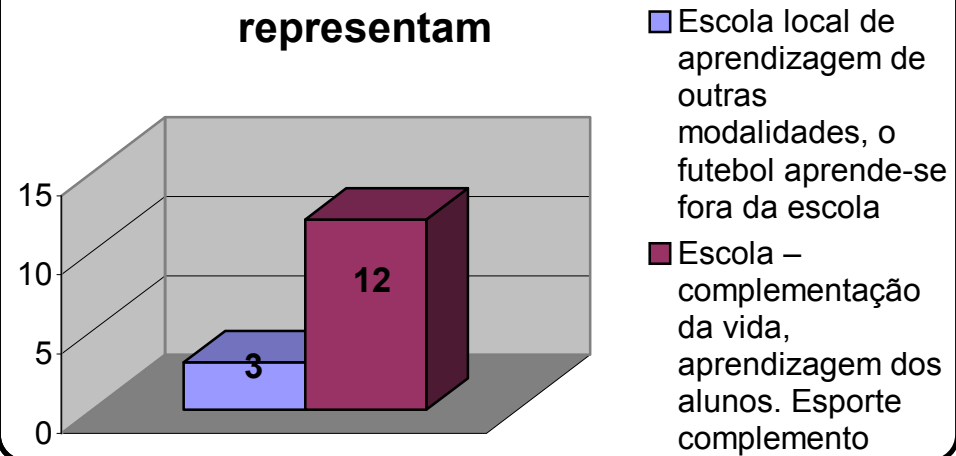


Gráfico nº 13

Pergunta 10: Para você (professor), na escola, o futebol é um esporte ou um jogo? Comente.

A resposta obtida na décima pergunta tem os seguintes resultados:

Para 06 professores 40,02% o futebol é jogo e esporte.

03 professores 20,01% responderam que é um jogo trabalhado de maneira lúdica e recreativa.

03 professores 20,0% responderam que é um esporte.

01 professor 6,67% respondeu que é um jogo recreativo.

01 professor 6,67% respondeu que futebol é lazer.

01 professor 6,67% respondeu que é um jogo com regras.

A resposta mais presente nesta décima pergunta foi que, “O futebol é jogo e esporte”, apontado por 6 professores (40,02%). A análise da presente pergunta demonstra que existe uma grande indefinição, relacionada à palavra jogo e esporte entre os professores questionados. Exemplo da confusão feita pelos professores é a resposta do participante número 7, “O jogo de futebol é uma modalidade esportiva, portanto é um esporte”. Teoricamente, quando o futebol tem regras definidas e padronizadas ele se apresenta como esporte ou quando existe inclusão, ausência de regras, interação aluno/professor, ludicidade, como jogo.

Bruhns(1993) destaca as diferenças entre jogo e esporte:

Partir da premissa da similaridade entre esporte e jogo é colocar este último fenômeno dentro de certas restrições pré-determinadas como imposições de regras, modelos, busca de rendimento, recordes, medalhas, juizes, capitães etc, que se pôr um lado caracterizam aparentemente o esporte, acabam descaracterizando a atividade lúdica que apresenta componentes como espontaneidade, a flexibilidade, o descompromisso, a criatividade, a fantasia, a expressividade etc, com características culturais próprias. (45)

Concordo plenamente com a autora acima, partindo das definições presentes no meu referencial teórico, em relação à diferença nestas duas palavras, entendendo que apesar de serem muito semelhantes e inter-relacionadas, existem traços que definem claramente o que é jogo e esporte, como por exemplo, o treinamento para performance que origina a formação precoce da criança.

O entendimento correto das delimitações do jogo e o esporte, no caso o futebol, torna-se importante para a estruturação de um conteúdo de qualidade, no contexto das aulas de Educação Física Escolar.

A visão parcial das características tanto do jogo quanto do esporte, faz com que este conteúdo fique comprometido pedagogicamente, não colaborando para a formação global do indivíduo.

Na seqüência da análise das respostas, 3 professores (20,01%) consideraram o futebol como “Um jogo que deve ser trabalhado de maneira lúdica e recreativa”. Verifica-se por esta resposta que os professores questionados têm, no meu entendimento, uma visão do que o futebol pode proporcionar quando utilizado como instrumento pedagógico. Uma parcela pequena se comparado ao número de participantes do questionário.

3 professores (20,01%) consideram o “futebol como esporte”. Diagnóstico já identificado durante o este questionário.

1 professor (6,67%) considera o futebol como lazer e 1 professor (6,67%) considera que é um jogo recreativo. Penso que estes professores tenham saído do foco da questão, porque não foi perguntado nada relacionado a lazer e recreação, porém o entendimento dos mesmos retrata a falta de conhecimento sobre como se pode utilizar o futebol como meio de educar a criança e adolescente, principalmente no âmbito escolar, foco de nossa discussão.

E finalmente 1 professor (6,67%) considera “O futebol como um jogo com regras”. Este pensamento retrata a confusão relativa às palavras jogo e esporte, já analisado acima.

Portanto, a afirmação de que o futebol é identificado como esporte nas escolas públicas de 5.ª a 8ª séries do município de Araçatuba/SP, fica evidente após discorrer todas as justificativas para as respostas do questionário aplicado.

Finalizando minha análise, entendo que o futebol na Educação Física Escolar deve assumir características do jogo, fazendo assim com que esta atividade tenha objetivos pedagógicos, servindo de suporte para o desenvolvimento global da criança e adolescente.

Segundo Freire (1989), quando utilizamos o jogo para ensinar conteúdos às crianças, a motivação e prazer proporcionado pelo mesmo fazem com que o professor interaja com maior facilidade, direcionando melhor suas aulas.

Neste caso, o jogo fica sendo utilizado como instrumento pedagógico, servindo de meio para que o professor consiga interagir com o aluno, ensinando o conteúdo proposto.

O futebol como conteúdo se encaixa perfeitamente neste contexto, devido ao seu prestígio que facilita a aceitação dos alunos para sua prática nas aulas de Educação Física Escolar.

Tabela 10 - Para você (Professor), na escola, o Futebol é um esporte ou um jogo? Comente.

Categorias	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total	Porcentagem
a) Jogo com regras	x															1	6,67%
b) É jogo e esporte.		x	x	x			x							x	x	6	40,02%
c) É um jogo, que deve ser trabalhado de maneira lúdica e recreativa.					x	x					x					3	20,01%
d) É um esporte								x		x			x			3	20,01%
e) Futebol é lazer									x							1	6,67%
f) É um jogo recreativo												x				1	6,67%

Para você, na escola, o Futebol é um esporte ou um jogo?

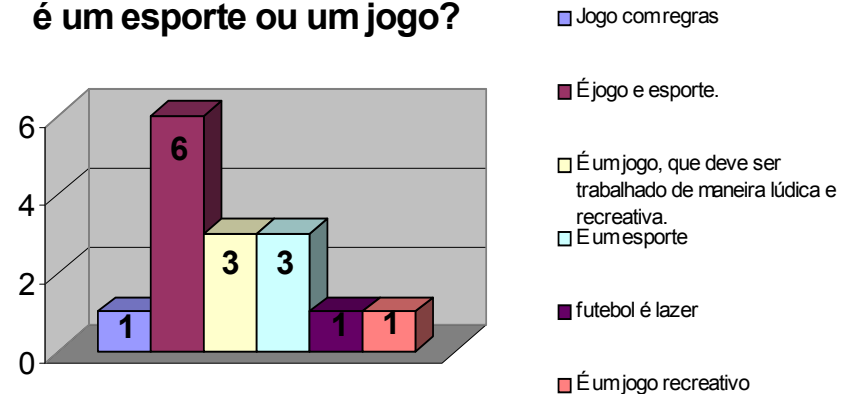


Gráfico nº 14

CAPÍTULO 6

ENCERRA-SE O ESPETÁCULO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar como é apresentada a atividade física coletiva que responde popularmente como futebol, no conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, no município de Araçatuba/SP, para posteriormente relacionar sua importância como elemento de motivação para as aulas que apresentem uma finalidade pedagógica, auxiliando assim a formação global do indivíduo.

Para chegar a uma conclusão, primeiramente apresentei o futebol dentro do contexto histórico-social do nosso país, sua importância e grande número de adeptos. A seguir tentei esclarecer o significado do jogo e toda sua dimensão, relacionada com o processo de desenvolvimento global do indivíduo. E ainda dentro do referencial teórico procurei evidenciar a relação do jogo com a educação.

Já na parte principal do trabalho, em que foi apresentado um questionário para os professores de 5.^a a 8.^a série do município de Araçatuba/SP, analisei que os profissionais da área apresentaram entendimentos imprecisos quando tentavam focar os pontos de divergência e convergência entre jogo e esporte dirigidos aos conteúdos da Educação Física Escolar estruturada com o futebol. Para a grande maioria o futebol é visto apenas como esporte, poucos apontam o futebol como instrumento pedagógico, no processo de desenvolvimento da criança e adolescente.

O entendimento do futebol, desta forma, retrata a forte influência da Educação Física Competitivista (Ghiraldelli, 1991) na estruturação dos conteúdos das aulas de Educação Física Escolar pelos professores da área.

Freire (1989) coloca que, a priorização dos aspectos biológicos e técnicos, sob o ponto de vista mecanicista, em detrimento aos aspectos psicossociais, não produzem um desenvolvimento global do indivíduo.

Penso que a cultura instituída através dos tempos, principalmente relacionada ao futebol, encontra-se formatado dentro de um contexto competitivo em que somente os melhores têm o reconhecimento, por capacidade técnica e por isso sempre se busca a vitória, desprezando aspectos primordiais no desenvolvimento humano.

Atualmente, apesar da literatura criticar constantemente os conteúdos nos quais a performance é o foco principal, na prática os profissionais responsáveis demonstram despreparo para a programação de um conteúdo com a visão ampliada relativa ao futebol, mesmo com a contribuição de estudos como de Freire (1989), que apontam o jogo como um importante instrumento pedagógico, a realidade é que ele se confunde com esporte, constantemente, na sociedade contemporânea. A própria competitividade que ocorre na vida comum das nossas culturas faz com que os benefícios do jogo sejam deixados de lado para se utilizar o esporte com cada vez mais constância, principalmente como conteúdo da Educação Física Escolar.

Entendo que, o futebol como atividade física coletiva, dentro do espaço escolar, deve ser estruturado em um contexto pedagógico, assumindo as características do jogo, ficando apenas estabelecido o entendimento pelos alunos que é futebol, mas na prática seus conteúdos devem ser estabelecidos através do jogo, obtendo ainda uma participação ativa e democrática do educando na atividade.

Pode-se dizer ainda que as informações trazidas dentro da vivência do aluno em casa, na rua e com seus amigos devem ser respeitadas, para que dentro de uma interação aluno/professor se instrua um dialogo que culmine em um conteúdo educacional, rico e proveitoso.

Ampliar seus horizontes dentro do contexto escolar deve ser a meta a ser alcançada pelos profissionais da nossa área. O futebol como um jogo não é apenas uma atividade que valoriza a técnica e o aspecto biológico. O futebol é muito mais que isso. Ele é um auxiliar indispensável inserido no contexto educacional, próprio para uma formação saudável e global do ser humano.

Assim acredito que o futebol estará contribuindo com o processo de apropriação de conhecimento promovido pela escola, ajudando na formação do cidadão, principal função da escola.

BIBLIOGRAFIA

- BETTI, M. *Educação física e sociedade: A educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, V. *A Educação física escolar como campo de vivência social*. Fundação Universidade Estadual de Maringá, 1986.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*/Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 7, Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BROUGÉRE, Gilles. *Jogo e educação*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BUYTENDJK, Utrecht F.J.J. *O Jogo humano*. In: H. G. Gadamer, e P. Vogler, Nova Antropologia. Vol. 4, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- BRUHNS, H.T. *O corpo parceiro e o corpo adversário*. Campinas: Papyrus, 1993.
- CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CASTELLANI FILHO, L. *Pelos meandros da educação física*. In Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Vol. 14, nº3, p.119-125, 1993.
- _____. *Política educacional e educação física*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- CHATEAU, J. *O Jogo e a criança*. Trad. Guido de Almeida. 2ª ed., São Paulo: Summus, 1987.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

- COSTA, V.L.M. *Formação profissional universitária em educação física*. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 1997.
- DELVAL, J. *Crescer e pensar: A construção do conhecimento na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- DE MARCO, A. e MELO, J P. *Desenvolvimento humano, educação e esporte*. In: MOREIRA W.W. e SIMÕES, R. (Org). *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba/SP: Ed. UNIMEP, 2002.
- ELKONIN, D.B. *Psicologia do Jogo*. Trad. Álvaro Cabral São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FRANCISCON, M. *Futebol, regras e legislação*. 13ª ed., São Paulo: Ed. Prol, 1998-1999.
- FREIRE, J.B. *Educação de corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989.
- GONÇALVES, M.A.S. *Sentir, pensar, agir: Corporeidade e Educação*. Campinas: Papyrus, 1994.
- GHIRALDELLI Jr. P. *Educação física progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- HUIZINGA, H. *Homo. Ludes: O jogo como elemento da cultura*. Trad João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.) *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 2ª ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1997.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí/RS: Ed. Unijuí, 1994.
- LE BOULCH, J. *Rumo a uma ciência do movimento humano*. Trad. Jeni Wolf. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LEITE, M. M. *Educação Física: Implicações da prática desportiva precoce no crescimento e desenvolvimento infantil*. Viçosa: UFV, 1983.
- LUCKESI. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1991.

- _____. *O lúdico na prática educativa*. Tecnologia educacional, Rio de Janeiro: Vol. 22, p.119-120, Jul/Out, 1994.
- MARINHO, I. P. *História geral da educação física*. São Paulo: Cia Brasil, 1980.
- MULLER, M.S. e CORNELSEN, M.J. *Normas e padrões para teses, dissertações e monografias*. Londrina: Ed. UEL, 2002.
- NEGRINE, A. *Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa*. In: Neto, M.V. e TRIVIÑOS, A.N.S (Org). *A pesquisa qualitativa na educação Física*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1999.
- NOGUEIRA, A. *Bola de cristal*. In: SOUZA, J., RITO, L. e LEITÃO, S. *Futebol e arte*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.
- OLIVEIRA, P. de S. *Brinquedo e indústria cultural*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ROSAMILHA, N. *Psicologia do jogo e aprendizagem infantil*. São Paulo: Pioneira, 1979.
- SALADINI, A.C. *“O Jogo na educação física: A concepção dos professores em jogo”*. Piracicaba: UNIMEP. Tese de Mestrado. 1999.
- TUBINO, M. J. G. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.